



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DE UM DOCUMENTO
DE QUEIXA-CRIME MANUSCRITO DO SÉCULO XIX**

por

ARLETE TAVARES BUCHARDT

Orientadora: Prof^ª. Dra. Albertina Ribeiro da Gama

**SALVADOR
2004**



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgetba@ufba.br



**EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DE UM DOCUMENTO
DE QUEIXA-CRIME MANUSCRITO DO SÉCULO XIX**

por

ARLETE TAVARES BUCHARDT

Orientadora: Prof^ª. Dra. Albertina Ribeiro da Gama

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR
2004**

Biblioteca Central – UFBA

B918 Buchardt, Arlete Tavares.

Edição diplomática de um documento de queixa-crime
manuscrito do século

XIX / Arlete Tavares Buchardt. - Salvador : A. T. Buchardt, 2004.

102 f. : il.

Inclui anexo.

Orientadora : Prof^a. Dra. Albertina Ribeiro da Gama.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Letras,
2004.

1. Manuscritos - Fac-símiles - Séc XIX. 2. Manuscritos –

Dedico este trabalho a:

- minha professora, *Albertina Ribeiro da Gama*, por ser orientadora e amiga;
- meus alunos, razão pela qual estou me aperfeiçoando.

AGRADECIMENTOS

- A Deus por ter-me dotado de capacidade para realizar este trabalho;
- A meu esposo por, apesar dos contratempos, apreciar minha formação;
- Aos meus pais pela oportunidade de estudar;
- À minha Orientadora, Prof^a Albertina, por ter-me aceito como orientanda, sem me conhecer, por me estimular e orientar, por chamar-me a atenção quando necessário, por me transmitir tantos conhecimentos, por aceitar orientar-me à distância, por ser minha mestra e amiga;
- À Prof^a Dr^a Célia Marques Telles pelo apoio e interesse a mim dispensados, pelos ótimos conselhos e pelos conhecimentos transmitidos;
- Às Professoras Iracema Luiza, Antônia Herrera e Lígia Telles por me auxiliarem na busca do saber;
- À Prof^a Maria Conceição Souza Reis por orientações valiosas;
- Aos meus colegas pelo apoio e amizade, em especial Gilberto Nazareno por seu carinho e disponibilidade;
- Aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Cachoeira – BA, especialmente a jovem Elizabete Sales Santos, por toda atenção e por ultrapassar os limites da obrigação;
- A todos os amigos e parentes que contribuíram para a realização deste trabalho.

Em nosso mundo tão voltado para a cibernética e informática, mais do que nunca se faz necessário, na formação do pesquisador das Ciências Sociais, o conhecimento das técnicas da leitura paleográfica, a fim de poder captar as informações contidas em seculares documentos, referentes à vida social do Brasil colônia, guardados em arquivos diversos, nacionais e estrangeiros. É preciso caminhar em direção ao futuro, com um olho fixo no horizonte e o outro atento ao retrovisor do passado.

Leonardo Dantas Silva

(Apud ACCIOLI, Vera Lúcia. *A escrita no Brasil colonial*. Recife: Universitária, 1994. capa)

RESUMO

A proposta de *Edição Diplomática de um Documento de Queixa-Crime Manuscrito do Século XIX*, baseou-se num documento pertencente ao Arquivo Público Municipal de Cachoeira que trata da tentativa de homicídio contra Bernardino da Silva Reis. O trabalho revela o valor dos manuscritos, breves considerações sobre a Diplomática, apresentam-se informações sobre aspectos históricos do Brasil e de Cachoeira no século XIX, uma descrição pormenorizada do documento, acrescida da transcrição diplomática do mesmo de acordo com os critérios adotados, levantamento das abreviaturas e ocorrências gráficas que merecem destaque.

RESUMÉ

La proposition d'*Edition Diplomatique* est une étude d'un document dont le contenu est une plainte *de* tentative d'homicide contre Bernardino da Silva Reis, manuscrit du 19^{ème} siècle, appartenant à l' Archive Publique Municipal de la Ville de Cachoeira. Le travail essaie de montrer la valeurs des manuscrits, et fait aussi des brèves considérations sur la Diplomatique, tout en présentant des informations sur des aspects historiques du Brésil et de la ville de Cachoeira au 19^{ème} siècle. On fait une description détaillée du document, avec une transcription selon les critères adoptés ainsi qu'un relevé des abréviations et des occurrences graphiques qui méritent d'attention.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	08
LISTA DE ANEXOS	09
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Motivação e objetivos da dissertação	11
1.2 Estrutura da dissertação	11
2 A EDIÇÃO DIPLOMÁTICA	13
2.1 Conceito, história, objeto e método de estudo	13
2.2 Materiais utilizados para confecção de um manuscrito	15
3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA	17
3.1 O Brasil durante o século XIX	17
3.2 Cachoeira durante o século XIX	19
4 O DOCUMENTO DE QUEIXA-CRIME	27
4.1 Histórico	27
4.2 Descrição	28
4.3 Relação e classificação das abreviaturas	34
4.4 Ocorrências gráficas	37
5 CRITÉRIOS ADOTADOS NA TRANSCRIÇÃO	44
6 TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO	45
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
8 REFERÊNCIAS	89
9 ANEXOS	94
9.1 Fotos antigas de Cachoeira	95
9.2 Fotos atuais de Cachoeira	98

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMPC: Arquivo Público Municipal de Cachoeira

d: despacho

doc: documento

fo: fólio

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional

mm.: milímetro(s)

ms: manuscrito

p: portada

r: recto

séc: século

UFBA: Universidade Federal da Bahia

v : verso

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Fotos antigas de Cachoeira

Foto 1 – Ponte D. Pedro II

Foto 2 – Igreja do Carmo

Foto 3 – Igreja da Ajuda

Foto 4 – Vista da rua 25 de junho

Foto 5 – Estação ferroviária

Foto 6 – Hospital da Santa Casa da Misericórdia

Anexo 2 – Fotos atuais de Cachoeira

Foto 1 – Ponte D. Pedro II

Foto 2 – Estação ferroviária

Foto 3 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte

Foto 4 – Igreja da Ajuda

Foto 5 – Arquivo Público Municipal de Cachoeira

Foto 6 – Igreja do Carmo

Foto 7 – Irmandade da Boa Morte

Foto 8 – Centro de Convenções

INTRODUÇÃO

Os benefícios proporcionados pelo estudo dos manuscritos são inestimáveis. Diante de um documento tanto os historiadores quanto os lingüistas, sociólogos, antropólogos e todos os interessados no assunto podem usufruir das muitas vantagens e dos conhecimentos que um manuscrito traz a todos. A esse propósito, é bom lembrar, como Ricardo Ramón Blanco, o que afirma Fustel de Coulange: “Pas de documents, pas d’ histoire”¹

Tem-se observado que os manuscritos anteriores à expansão da imprensa sofrem enorme descaso. Muitos deles foram danificados em decorrência da má conservação, em lugares úmidos, cheios de insetos e animais devoradores de papel, amontoados e não verdadeiramente arquivados, levando o País a imensuráveis perdas.

Ao se defrontar o pesquisador, à primeira vista, com o manuscrito este parecerá velho, sem importância, digno apenas do lixo. Porém, quando manuseado, estudado, lido, revela-se uma fonte de informações digna de destaque.

Para que os documentos antigos venham a existir sob este prisma é necessário que o pesquisador faça com ele o que fazem os mineiros ao escavarem o solo em busca das valiosas pedras preciosas e do ouro caríssimo. Apesar dos desconfortos, dos obstáculos que surgem no caminho, ele insiste até alcançar o precioso minério. Nesse percurso de escavar é preciso ter cuidado e prestar atenção às mínimas coisas. Do mesmo modo precisa o pesquisador “cavar” o manuscrito a fim de revelar suas “preciosas pedras aos estudiosos”.

Ao entrar em contato com o documento antigo o pesquisador sente-se fascinado. É maravilhoso pegar um texto aparentemente ilegível e trazê-lo a existência através da imprensa. Assemelha-se ao trabalho delicado, exaustivo e disciplinado do estilista que transforma metros de tecido em fantásticos modelos.

Tanto para o estudioso quanto para o estilista o resultado é surpreendente e encantador. Ambos são belos, porém, enquanto a moda se vai a cada estação o texto permanece para sempre.

¹ Cf. ROMÁN BLANCO, Ricardo. *Técnica da Pesquisa Científica*. São Paulo: s.n., 1978. p. 6. Traduzindo: “Sem documentos, não existe história”.

1.1 Motivação e objetivos da dissertação

A busca do conhecimento sempre atraiu o ser humano. O sábio rei de Israel, Salomão, aplicou seu coração na aquisição da sabedoria. Na Bíblia é dito que nunca houve homem mais sábio que ele. O desejo do homem no passado é o mesmo nos dias de hoje, o saber.

O saber traz libertação pessoal, conduz ao aperfeiçoamento individual e coletivo, gera qualificação profissional. Quando há domínio em qualquer área do conhecimento, tal fato estimula outros à conquista do que lhe é desconhecido e, aqueles que detêm o saber, têm necessidade de transmiti-lo a fim de propagar o que acha importante ou essencial à humanidade.

Esta é uma realidade constante na vida dos pesquisadores e estudiosos, conduzindo todos a um trabalho mais qualificado, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Esta é a razão que move graduados em Letras a trabalharem arduamente o conhecimento a fim de conquistar o título de Mestre, não somente por si, mas por todos que poderão ser enriquecidos “através deles”.

Junte-se a isto a profunda paixão despertada nos pesquisadores pelo estudo dos manuscritos. É um enorme privilégio ter acesso a um texto rústico, de difícil assimilação e fazer do mesmo algo digno de apreciação e estudo. Para este fim buscou-se o documento de *Queixa-Crime* no Arquivo Público Municipal de Cachoeira. Fez-se uma seleção de 42 fólios, tanto recto quanto verso, dos muitos que compõe o mesmo.

Através da edição diplomática deste texto notarial, procurou-se resgatar aspectos lingüísticos através de um levantamento gráfico. Outro ponto a ser ressaltado por esta pesquisa foi oferecer um texto manuscrito do século XIX, escrito em letra cursiva, em uma transcrição em caracteres impressos, e, ainda assim, conservar as características lingüísticas do mesmo. Pode-se dizer que ele é ressuscitado, tornado vivo e útil para a sociedade.

1.2 Estrutura da dissertação

Compõe-se este trabalho, de sete partes, distribuídas da seguinte forma:

Na Introdução, aborda-se a importância do manuscrito e de sua conservação e arquivamento bem como a motivação e objetivos deste trabalho.

A Edição Diplomática, como está no sumário, apresenta breves comentários sobre a história da mesma, seu objeto de estudo e os materiais utilizados para realizar o ato de escrever ao longo dos séculos.

Como convém a toda edição diplomática apresenta-se no próximo item a Contextualização Histórico-Geográfica, mais aquela do que esta, tecendo-se comentários sobre a situação social, econômica, política vivida pelo Brasil e por Cachoeira durante o Século XIX.

Na próxima parte fala-se detalhadamente sobre o *Documento de Queixa-Crime* que possibilitou a existência deste trabalho, apresentando o histórico do manuscrito, descrevendo-o, comentando seu conteúdo, elencando suas abreviaturas e as ocorrências gráficas mais interessantes quando comparadas às grafias atuais.

Em Critérios Adotados para a Transcrição, relacionam-se as normas seguidas para a realização da mesma, ressaltando-se como ponto principal a fidelidade ao documento, procurando-se conservar as características da grafia do mesmo tal como se encontram no original.

A Transcrição do documento foi feita de acordo com os critérios estabelecidos, respeitando-se o original, cujo fac-símile vem ao lado da transcrição.

Nas considerações finais foram abordados os benefícios advindos da realização deste trabalho. Seguem-se as Referências e os Anexos.

2 A EDIÇÃO DIPLOMÁTICA

2.1 Conceito, história, objeto e método de estudo

“Por Paleografia compreende-se o estudo da escrita antiga, conforme a etimologia grega da palavra: *paleos*, “antiga” + *graphen*, “escrita”.²

Portanto, a Paleografia tem por objetivo o estudo das características extrínsecas do documento, tais como o material, os instrumentos gráficos, as tintas e cores, o formato dos manuscritos para permitir a leitura e transcrição dos mesmos.

Logo no início a Paleografia confunde-se com a Diplomática.

“A palavra Diplomática deriva do latim Diploma, originalmente o escrito dobrado em dois (“*diploous*”, duplo). Diplomática é, portanto, etimologicamente, a ciência dos diplomas”.³

Ambas irão desabrochar graças a uma polêmica entre religiosos.

O jesuíta belga Daniel von Papenbroek, mais conhecido por Papenbrokio no seu *Propylaeum Antiquarium circa veri ac falsi discrimen, in vetustis membranis* declarava apócrifos todos os diplomas reais conservados na Abadia de Saint Denis de Paris e, de certa forma, todos os documentos antigos, que todo e qualquer demandante pudesse apresentar em juízo, solicitando através do mesmo, a posse de qualquer propriedade.

Esta afirmativa não estava muito longe da verdade. Após a “Guerra dos Trinta Anos”, também denominada de “guerra de religião”, famílias inteiras foram exterminadas, propriedades abandonadas, conseqüentemente os documentos de posse de terras e castelos também desapareceram, sem contar o fato de que os arquivos tinham sido extraviados. Ninguém possuía documento de tipo algum, portanto, soldados fugitivos passaram a ocupar terras e castelos, falsificando para tal os comprovantes da sua posse.

² BERWANGER, Ana Regina e LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções e de paleografia e diplomática*. 2. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995. p. 11.

³ Id., *ibid.*, p. 17.

Levantou-se na época um número inimaginável de documentos falsos levados aos tribunais, que quase produziram colapso social redundante. Esta situação ficou conhecida como “Guerra Diplomática”.

Com a acusação do jesuíta Papenbroek os mais prejudicados foram os mosteiros Beneditinos e os Carmelitas. O beneditino chamado Jean de Mabillon preparou, durante seis anos, a contestação ao *Propylaeum* produzindo a obra *De Re Diplomatica, libri VI*, na qual indica as características diplomáticas que todo documento deverá possuir para merecer ser considerado autêntico. Essa obra refuta a de Papenbroek e foi recebida com grande admiração pelo próprio opositor, assinalando o nascimento da Diplomática e da Paleografia, e, desse modo, Mabillon é considerado o pai da Diplomática Moderna e também da Paleografia⁴

Tinha enfim nascido a Diplomática e, a partir desse fato, nada mais natural que ela crescesse, se desenvolvesse, se tornasse adulta e foi o que ocorreu. A ciência, ou técnica como alguns preferem chamá-la, expandiu-se gradativamente de país a país.

O desenvolvimento dessa área também pôde trazer uma distinção bem clara entre a Paleografia e a Diplomática, como nos diz Berwanger.

Tanto a Paleografia como a Diplomática tratam de textos, mas com pontos de vista diversos.

Enquanto a Paleografia lê e decifra os caracteres extrínsecos do texto (letras, números, abreviaturas, ligações e outros sinais gráficos), a Diplomática se ocupa de seus caracteres intrínsecos (idioma, teor, estilo). Se a Paleografia se interessa pelo documento em si, traçando regras para a sua tradução e decodificação formal, a Diplomática faz a interpretação do texto, explora o seu teor e conteúdo, analisa a língua e o estilo e verifica a autenticidade do documento.

Dir-se-ia que uma cuida do corpo e a outra, da alma do texto.⁵

⁴ Id., *ibid.*, p. 13.

⁵ Id., *ibid.*, p. 24.

2.2. Materiais utilizados para a confecção de um documento

Ao longo dos séculos de existência do homem, devido à necessidade de se comunicarem uns com os outros, pois “nenhum homem é uma ilha”, todos carecem de companhia e diálogo, o ser humano inventou a escrita.

Muitos materiais tiveram a oportunidade de servir ao homem. Um dos mais antigos foram as folhas de árvore, especialmente de palmeiras. Daí derivou o nome de *folium* ‘folha’, ‘fólio’ que ainda hoje subsiste.

Passaram em seguida a utilizar pequenas placas de madeira ou marfim, denominadas *tabuinhas enceradas*, por serem recobertas de cera misturada com piche.

Também os minerais, como bronze, o chumbo, a pedra, o mármore, a prata e outros tiveram a oportunidade de servir ao homem em sua lida diária na arte da comunicação.

Na Antigüidade e nos primeiros tempos medievais o principal material utilizado para escrever foi o papiro, planta nativa da Núbia. Cortavam-se finíssimas camadas que sobrepostas umas às outras eram prensadas até formar uma pasta, denominada *plágula*, ou folha, que era cortada em fólios, cadernos ou rolos. Chegaram até nossos dias numerosos papiros, tanto egípcios, como herculanenses e medievais.

O pergaminho, fabricado com pele de cabra, cordeiro, vitela, ovelha, e mesmo antílope e gazela, era muito procurado. O mais fino, porém, era o fabricado com pele de cordeiro, non-natos ou recém-nascidos. Tais pergaminhos podiam ser encontrados de várias formas, desde folhas avulsas, até rolos e cadernos. Como eram muito escassos e raros os pergaminhos de boa qualidade, muitas vezes raspava-se um já escrito para reutilizá-lo, são os chamados *palimpsestos*. Fabulosas obras clássicas se perderam devido a esse costume.

Finalmente tem-se o papel, suporte escritural por excelência. Originalmente feito de trapos, posteriormente como o temos hoje, porém mais acessível, o papel veio substituir com eficácia os materiais até então utilizados para escrever.

Muitos e variados instrumentos gráficos serviram ao objetivo de grafar caracteres nos materiais já citados para se escrever. Desde o estilo, punção de metal, marfim ou osso com que se escrevia nas *tabuinhas enceradas*, até a pena de ave, o pincel, a pena metálica, o lápis, a caneta esferográfica. Todos cumpriram o seu papel no passado e cumprem até hoje a fim de facilitar a atividade humana de comunicação e perpetuação de cultura e conhecimentos.

A tinta é considerada como uma invenção chinesa. Para escrever o texto usava-se normalmente a preta, reservando-se a tinta a cores, especialmente vermelha, para as iniciais dos manuscritos.

Desde o século III utilizavam-se também o ouro e a prata, não apenas para as iniciais, como também para todo o texto e, especialmente para escrever nos textos bíblicos e livros litúrgicos da igreja.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

3.1 O Brasil durante o século XIX

A tentativa de homicídio que deu origem ao manuscrito desta pesquisa é datada do ano de 1881, justamente durante o Segundo Reinado (1840-1889). Essa excepcional duração já basta para evidenciar a força do regime monárquico brasileiro, que nasceu com a Independência e teve no reinado de Pedro II sua mais alta expressão. O Império era constitucional e liberal na sua estrutura política e jurídica. Dispunha de uma constituição, de partidos políticos, eleições diretas individuais asseguradas, etc. Mas foi a autoridade quase monolítica do Poder Moderador e do Conselho de Estado que garantiu a ordem e a estabilidade do regime, como foram o café e o trabalho escravo que sustentaram a prosperidade material.

Os dez primeiros anos do Segundo Reinado foram ocupados com a afirmação e a estabilização do regime monárquico. No plano político, o governo central tratou de eliminar as últimas resistências que ainda contestavam sua autoridade. No institucional, procurou reformar as leis para reforçar a centralização do poder e a unidade do país.

Os primeiros passos nesse processo de centralização foram, além do Golpe da Maioridade, a aprovação da Lei Interpretativa do Ato Adicional, em 1840, e a reforma do Código do Processo Criminal, em 1841. Com a entronização de Dom Pedro II e a restauração do Conselho de Estado, restabeleciam-se a força e a legitimidade do Império centradas no Poder Moderador, exercido pelo monarca. Com a Lei Interpretativa, limitava-se a autonomia das províncias. Com a reforma do Código Criminal, reduzia-se a autoridade dos juízes locais, que eram eleitos, em favor dos juízes de carreira, nomeados pelo governo.

Essa estratégia política permitiu ao governo do Império enfrentar e vencer as resistências farroupilhas no Sul, até a completa derrota da Revolta dos Farrapos em 1845. Nas décadas seguintes o governo enfrentou dissensões internas promovidas pelo partido liberal e, com o objetivo de crescimento e domínio, desenvolveu medidas importantes que “pacificaram” o país.

Entretanto, na década de 60, outro tumulto, desta vez externo, perturbou o Brasil- a Guerra do Paraguai.

Após a vitória sobre o país vizinho o Brasil enfrentou muitas dificuldades com os partidos, com a Igreja e com o Exército. A isso vieram somar-se as grandes campanhas republicanas e abolicionistas. O país estava livre da guerra, mas havia uma névoa de insatisfação no ar, embaçando o brilho da vitória.

Entre a queda da escravidão e a da monarquia passaram-se apenas dezoito meses. Foi o tempo necessário para os republicanos armarem o golpe final contra um Império abalado e desacreditado.

Na manhã de 15 de novembro de 1889, diante da tropa inquieta, aglomerada no Campo de Santana para exigir a renúncia do Ministério, e da população carioca tomada de surpresa, Deodoro da Fonseca saudou a República.

Um ano depois de proclamada a República, a 15 de novembro de 1890, foi instalado no Rio de Janeiro o Congresso Constituinte.

Promulgada a 24 de fevereiro de 1891, a Carta constitucional, de apenas 91 artigos, tinha como pontos principais: divisão e independência dos três poderes; regime federativo presidencialista; voto universal masculino não-secreto; igualdade jurídica dos cidadãos; laicização do ensino público; separação entre o Estado e a Igreja. Constituição de inspiração liberal-democrática, identificava-se mais com o grupo dos republicanos históricos do que com o dos militares e civis positivistas.

De acordo com as Disposições Transitórias da Constituição, coube ao próprio Congresso Constituinte escolher o primeiro governo da República, por meio da escolha indireta do presidente e do vice-presidente. Foram eleitos Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, ambos militares, mas de chapas diferentes.

Nove meses depois da eleição, a 23 de novembro de 1891, em meio a séria crise política e financeira e várias acusações de autoritarismo e corrupção, o marechal Deodoro da Fonseca renunciou. Floriano Peixoto tomou seu lugar na presidência e cumpriu o mandato até o final, apesar de forte oposição.

A República começava agitada. Os militares podiam não gostar dos políticos, mas parecia que se davam bem com a política.

É durante esse tempo tumultuado para o país, década de 80, que data o documento de *Queixa-Crime*, motivo da existência deste trabalho.

3.2 Cachoeira durante o século XIX

Cachoeira localiza-se no recôncavo baiano, que é essencialmente uma região costeira, em torno da baía de Todos os Santos. Devido a isto ela apresenta algumas características bastante interessantes: possui praias, vales, planaltos, enseadas, braços de rios navegáveis, colinas; o clima é agradável devido aos ventos e à umidade marítima; a paisagem, ao invés de ser árida, é sempre verde. A respeito disto com maestria escreveu Kátia Mattoso:

Recôncavo significa fundo de baía. Mas o Recôncavo baiano abrange todas as terras adjacentes, ilhas e ilhotas, bem para além das praias, vales, várzeas e planaltos próximos ao mar.

O clima e, por conseguinte, a vegetação dão unidade ao Recôncavo, tão próximo do oceano. Longe da influência deste, o Sertão, imenso e severo, é árido ou semi-árido. O mar e os ventos carregados de umidade penetram em todo o Recôncavo, mas há nele numerosos microclimas, pois seu relevo é variado.

A paisagem do Recôncavo é sempre verde e muito suave. Variada, também. Terras relativamente baixas junto às costas, onde elevações amenas se confundem com as do litoral, no qual os sedimentos do quaternário deixam aflorar algumas rochas mais antigas caulinizadas, produzindo solos vermelhos dominados pela brancura de neve de dunas que podem atingir até cinquenta metros de altura. Terras mais altas, onde os tabuleiros e as colinas ondulam suavemente numa altitude média de duzentos metros com vales abruptos. Os rios, sempre muito ativos, cavaram suas margens, formando terraços como ocorre, por exemplo, com o Paraguaçu e seus afluentes. As vilas, atuais cidades, de Cachoeira e de São Félix foram edificadas sobre altos terraços desse tipo.⁶

A cidade de Cachoeira é um marco na história do Brasil, pois, por muitos anos exerceu um papel essencial na vida dos moradores do recôncavo baiano. A ela recorriam os habitantes da região para compra e venda em geral, para escoamento da produção, para

⁶ MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, Século XIX – Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 51 e 54

registros em cartório. Isto no passado, hoje, o acervo cultural e arquitetônico da cidade atrai turistas do mundo todo como bem colocou Jadson dos Santos:

Falar de Cachoeira é sempre um motivo de grande satisfação, por ser Cachoeira, depois de Salvador, uma cidade baiana que possui maior destaque na história da civilização brasileira e detém os mais belos monumentos arquitetônicos do período colonial. As tradições e os feitos dos seus ilustres filhos enriqueceram o acervo cultural do Estado, sendo por todos os motivos considerada e declarada histórica e monumento nacional.

Cachoeira é um lugar propício às visitas de estudiosos e turistas porque possui um acervo arquitetônico civil e religioso de relevante valor. O seu passado de fatos históricos de grande relevo registram acontecimentos curiosos do seu povo e, o seu folclore é um dos mais ricos do recôncavo baiano. Possui ainda enorme patrimônio cultural, com muitas tradições e importantes personalidades.

Foi elevada à categoria de cidade pela lei provincial nº 43 de março de 1837. Os seus variados e agradáveis panoramas, seu povo hospitaleiro e alegre servem de convite a uma viagem inesquecível.⁷

De seu povo vale ressaltar o papel desempenhado pelos Adornos em sua formação.

Paulo de Adorno foi o desbravador das terras que originaram primeiro a povoação que daria origem à Vila de Nossa Senhora do Porto da Cachoeira. A ele deve-se a semeadura desse povo que se tornou digno de toda a Nação, pelo destemor na luta pela Independência.

No século XVII seria a vez de Antonio Rodrigues Adorno, grande propulsor do desenvolvimento da Cachoeira.

O mais poderoso dos Adornos seria o Capitão João Rodrigues Adorno que construiu o primeiro trecho do cais de grande importância para o embarque das nossas riquezas.

⁷ SANTOS, Jadson Luiz dos. *Cachoeira: III Séculos de História e Tradição*. Salvador, Bahia: Contraste, 2001. p. 15

Seria ele o doador das terras para a construção das igrejas da Ordem 3ª do Carmo e de Nossa Senhora do Carmo. Foi também um dos beneméritos da Santa Casa de Misericórdia, além de instalar um engenho e um alambique.

O século XIX abriria as portas da Cachoeira para a triunfal entrada na história da pátria brasileira. Sua participação nas lutas pela Independência foi reconhecida pelo Imperador D. Pedro I, prestigiada através de sua visita à Cachoeira em 1826, quase quatro anos depois da sua aclamação como Imperador do Brasil, aclamação feita pelos heróis cachoeiranos, após derrotarem os comandados do General Madeira de Mello, enviados para sufocar o movimento patriótico de uma terra que não se deixou subjugar.

No começo do século XIX, era crescente o progresso da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Dezenas de engenhos se espalhavam pelas terras da Vila. Era muito grande o afluxo de pessoas que, oriundas de todas as localidades a ela pertencentes, chegavam para registros de documentos, demandas judiciais e para a aquisição de mercadorias que chegavam ao seu porto, vindas do Reino.

Sobre a Vila da Cachoeira, em 1822, diz Pereira Reis Júnior, em seu artigo *Maria Quitéria*.

Praça comercial, cuja intensidade surpreende, é a grande Vila o ponto convergente de toda a produção agrícola do interior. Sua principal lavoura é o fumo, vivendo, também, da cana-de-açúcar, algodão e cereais, mantendo mercado permanente com a capital e o sertão. É Cachoeira – Meca de negociantes das mais diversas procedências e dos mais variados produtos – o ponto de partida dos tropeiros que conduzem o fumo, o algodão, o café, os cereais. O couro, para as mais longínquas regiões da província e para as que confinam com suas fronteiras. – “O comércio de fumo – a força da balança econômica, é enriquecido com a exportação desse produto para vários países europeus e Costa da África.” – “As embarcações de pequeno calado num vaivém constante da Capital e do recôncavo dão à grande Vila o ritmo de mercado intenso, enquanto os engenhos espalhados pelo seu território lhe asseguram destino próspero.” – “Três estradas reais fazem da Cachoeira a maior encruzilhada do Brasil; a de Muritiba, que segue até o rio das Contas, e daí a Minas Gerais, Goiás, etc; a de Belém que faz ligação da Cachoeira com parte sul da Bahia, e a de Capoeiruçu, que vai

até a comarca de Jacobina para a estrada do gado, por onde seguem as boiadas para o Piauí.⁸

Segundo George Gardner, em *Viagem no Brasil*,

A vida social da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira é embalada ao influxo da européia. Nos dias de festa, entre veludos, sedas e jóias, as mais custosas, deixa transparecer o esplendor de uma época de fastígio econômico. Isso porque a Bahia está perfeitamente a par das novidades estrangeiras. Seus ancoradouros abrigam navios de diferentes nações, num grande intercâmbio marítimo, e o noticiário alienígena vive nas salas das agremiações literárias, através de jornais e revistas da França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos.” – “Cachoeira, que se encontra a 48 milhas e a 78 quilômetros de Salvador, tem conhecimento diário de tudo que ali se passa. Por isso, observada as devidas proporções, a sua vida é idêntica a da Capital.⁹

Sinalizando esse progresso, surgiria o primeiro jornal da Cachoeira, impresso na cidade da Bahia. Era o periódico de nome *Daguerratipo*, marco da implantação da imprensa na florescente Cachoeira, que passou a circular no começo do século XIX, em 1817.

Seis anos depois, no ano de 1823, chegava à então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira a primeira tipografia, que foi batizada com o nome *Imprensa Nacional*, e foi de seu prelo que, em 1825, saiu o jornal *Independente Constitucional*.

Conforme a relação das tipografias instaladas a partir do século XIX, em 1825, quando foi publicado o *Independente Constitucional*, o primeiro jornal publicado na ainda Vila da Cachoeira, mantiveram-se em atividade 15 tipografias, permitindo a publicação de 90 jornais no século XIX, dos 132 e 4 revistas publicados até a metade do século XX.

⁸ REIS JÚNIOR, Pereira. Maria Quitéria. In: MELLO, Francisco José de. *História da cidade da Cachoeira*, s. l.: Radami, 2001. p. 46.

⁹ GARDNER, George. Viagem no Brasil-1826. in: MELLO, Francisco José de. *História da Cidade da Cachoeira*, s. l.: Radami, 2001. p. 46.

Ressalte-se, ainda, o aspecto cultural da Cachoeira, pois 20 dos jornais editados na época eram literários, bem como as 4 revistas. Outros 20, além de noticiosos, mantinham uma página literária.

Nas primeiras décadas do século XIX, vários jornais circularam na cidade. Dentre esses 137 jornais, citaremos apenas 16, apresentados por Francisco José de Mello em seu livro *História da cidade da Cachoeira*, conforme o quadro abaixo

01 – DAGUERRATIPO	1817	Apenas 3 números foram publicados.
02 – O INDEPENDENTE CONSTITUCIONAL Folha oficial do conselho interino do Governo – Foram publicados 3 exemplares passando depois a ser publicado na sede da Província.	1825	Diretor: Joaquim Tavares da Gama, redatores – Francisco Gê Acayaba de Montezuma e Francisco Cortes ImperiaL.
03 – O RECOPIADOR CACHOEIRANO Jornal Político.	1832/37	Diretor: Joaquim Tavares da Gama Era impresso na Tipografia Constitucional, à rua das Flores, 72.
04 – O PRELO Noticioso, literário e comercial Bi-semanal	1852/53	Diretor: Joaquim Tavares da Gama. Impresso na Tipografia da Praça da Cadeia
05 – O CONSTITUCIONAL CACHOEIRANO	1837/38	Jornal oficial
06 – O LEGALISTA Jornal contrário aos rebeldes da SABINADA.	1837/38	Diretor: Álvaro Tibério Moncorvo e Lima, que seria presidente da Província em 1855.
07 – O JORNAL DA CACHOEIRA	1855/56	Diretor: Helvécio Vicente Sapucaia. Impresso na Tipografia à rua da Matriz, número 27.

08 – O BRASILEIRO Periódico bi-semanal noticioso e liberal	1841/46	Diretor: A. G. Coelho – Impresso na Tipografia Cachoeirana, à rua Matriz.
09 – O PROGRESSO Órgão do Partido Conservador	1860/79	Diretor: Augusto Ferreira Motta. Impresso na Tipografia Trav. Viúva Motta.
10 – O CACHOEIRANO Político, literário.	1847/49	Diretor: Joaquim Tavares da Gama. Impresso na Tip. Constitucional – rua Formosa, 103 – Redator Cônego Rodrigo Ignácio de Menezes.
11 – O VERGEL Literário e recreativo.	1869/70	Diretor: Domingos Francisco Maia.
12 – A GRINALDA Literário, recreativo e religioso.	1869/70	Diretor: Veridiano Tavares da Gama. Tipografia própria.
13 – O ALMOTACÊ Jornal crítico, com publicação indeterminada.	1850/52	Diretor: Joaquim Tavares da Gama – Impresso na Tip. Constitucional.
14 – ARGOS CACHOEIRANO Político e social, publicação bi- semanal.	1850/52	Diretor: Joaquim Tavares da Gama – Impresso na Tip. Constitucional – Redator – Cônego Rodrigo Ignácio de Menezes.
15 – A LIRA Literário e recreativo	1870/71	Diretor: José Ferreira Vieira Impresso na Tipografia de “O AMERICANO”.
16 – O APÓSTOLO CACHOEIRANO Jornal republicano, lutando por reformas constitucionais.	1851/52	Foram publicados 7 números, pois seu redator foi processado e levado a Júri por suas idéias.

Quadro 1: Relação dos jornais cachoeiranos, segundo Francisco José de Mello “a exuberante imprensa da Cachoeira”.¹⁰

¹⁰MELLO, Francisco José de. *História da Cidade da Cachoeira*, s. l.: Radami, 2001. p. 96-102.

Cachoeira também se destacaria por um ensino de alto nível que seria implantado na cidade ainda no período Colonial, no ano de 1685, no Seminário de Belém, que, passou a ser procurado não só por aqueles que desejavam seguir a carreira eclesiástica. Tornou-se o principal centro de ensino do país, aliás, da Colônia. No fim do século XVIII, quando o ensino ainda era privilégio dos filhos de nobres e de senhores de Engenho, professores ministravam suas aulas a um seletos grupo de alunos.

Em 1841, funcionaria o *Colégio Paraguaçu* de ensino particular.

Cachoeira, durante o Império, diante de sua importância econômica, abrigava professores com excelente formação. Foi um desses professores, de nome Auguste Frederic Loup, que iniciaria a formação estudantil do poeta Antônio de Castro Alves, no ano de 1854.

Em 1850, o Convento do Carmo já possuía um curso de latim bastante conceituado, matéria básica para o perfeito domínio da língua portuguesa. Era tão importante esse curso que foi um dos locais visitados por D. Pedro II, quando de sua visita à Cachoeira, no ano de 1856.

Nesse mesmo ano, existia outro colégio particular bem conceituado. Chamava-se *Colégio Conceição*.

Em 1880 foi instalado na cidade, talvez, um dos primeiros colégios mistos, admitindo alunos de ambos os sexos. Foi o *Gynázio Cachoeirano*. O referido colégio sobreviveu até o ano de 1902. Na mesma época, surgiram mais dois colégios. Foram eles, o *Colégio Esperança* e o *Ginásio São Francisco Paula*.

Nos anos subseqüentes muitas outras instituições de ensino encontrariam lugar de destaque em Cachoeira.

Cachoeira tornou-se famosa por suas igrejas, algumas delas pintadas a ouro. Podem-se destacar as seguintes: *Igreja da Ermida; Igreja junto ao Convento de Santo Antonio de Paraguaçu; Igreja do Carmo*, juntamente com o convento do mesmo nome; *Igreja da Matriz*, seria a quinta construída em Cachoeira; *Igreja da Santa Casa de Misericórdia; Igreja da Ordem 3º do Carmo; Igreja de Nossa Senhora do Monte; Igreja de Nossa Senhora do Amparo; Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Monte Formoso; Igreja em louvor a Nossa Senhora da Conceição dos Pobres; Igreja dos Remédios; Matriz de São Tiago do Iguape*.

Apesar de tanto destaque histórico-cultural, Cachoeira viveu maus momentos. Um marco triste em extremo na história da mesma foram as constantes inundações do Rio Paraguaçu. De 1792 a 1988 a cidade passou pela trágica experiência de vivenciar cerca de 26 inundações.

Em 1971, Cachoeira foi elevada à categoria de cidade Monumento Nacional. Pelo que se presumia, a outorga do título Monumento Nacional seria a retomada do progresso. Ledo engano! Os benefícios advindos da referida lei nunca saíram do papel!

Do que se pode observar, por volta de 1881, ano do documento de *Queixa-Crime* em questão, Cachoeira encontrava-se no auge de sua glória.

4 O DOCUMENTO DE QUEIXA-CRIME

4.1 Histórico

Primeiramente abordar-se-ão alguns detalhes marcantes sobre o Arquivo Público Municipal de Cachoeira (APMC), local responsável pela manutenção e arquivamento do documento de *Queixa-Crime* em questão.

Em 1982 implantou-se um convênio entre a Prefeitura Municipal de Cachoeira, o Arquivo Público do Estado da Bahia, o Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional (IPHAN) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) com o objetivo de preservar para a posteridade os inumeráveis manuscritos encontrados na região do recôncavo. A partir de então é que pesquisadores, e todo e qualquer interessado pôde ter acesso aos documentos do dito arquivo.

Os manuscritos encontram-se separados e arquivados em Jurídicos e Cíveis, distribuídos por períodos históricos. A seção colonial vai até 1823 e abrange documentos de inventários, impostos de lojas e embarcações, termo de posse, correspondência recebida, registro de rolos e fardos de tabaco, de ofícios, de portarias, rol de fazendas e lavradores de tabaco, atas eleitorais, registros de aferições, receitas e despesas, novo imposto de aguardente.

A seção Império vai até 1888 e engloba inventários, decretos, atas, receitas e despesas de câmara, posturas municipais, correspondências recebidas, atas eleitorais, execuções de serviços, prestações de contas, execuções de sentença, tentativa de homicídio, qualificações de votantes, diários de caixa, notas de escrituras, livros de termos de registros.

A última seção é a República e pode-se dizer que chega até nossos dias, arquivando livros de atas, caixa, diário, razão, décimas e impostos, livro ponto, de carga e descarga, prestação de contas, protocolo, audiência trabalhista, livro do pessoal que trabalha no asseio público, revisão de alistamento eleitoral, atas eleitorais, processos contábeis, ofícios, correspondências recebidas, alvarás, receita e despesa.

O documento de *Queixa-Crime* em estudo encontra-se arquivado sob o título de *Tentativa de homicídio contra Bernardino da Silva Reis* e pertence à seção Império. Ainda não há notação (cota) para ele, pois o arquivo está em processo de organização.

4.2 Descrição

O documento de *Queixa-Crime* em questão consiste no processo jurídico promovido pela justiça pública contra os réus Joaquim Pinto d'Oliveira e Benedicto Pereira Bueno, acusados de tentativa de homicídio contra Bernardino da Silva Reis.

O documento total é formado de dois cadernos grandes, o primeiro com 12 folhas, o segundo com quatro cadernos que contêm outros anexos. Juntaram-se algumas folhas avulsas e mais alguns cadernos, todos eles agrupados por folhas que os envolvem e que por fim englobam todos os cadernos e exercem a função de capa do processo. Tem-se desta forma três folhas de papel almaço no início e no final. Em seguida vem o primeiro caderno com 12 folhas; o segundo contendo quatro cadernos: o primeiro com 2 folhas, o segundo com 8 folhas, o terceiro com 24 folhas, sendo que este contém mais dois cadernos, o primeiro com 8 folhas, o segundo com 16; o quarto caderno possui 2 folhas; segue-se o quarto caderno com 2 folhas; 1 folha solitária; o quinto caderno com 5 folhas; o sexto caderno com 11 folhas; por fim as últimas três folhas já citadas que fazem a vez de capa.

Perfazendo, assim, um total de 118 fólhos, alguns escritos no recto e no verso, outros apenas no recto. Dentre estes selecionaram-se os primeiros 25 fólhos para a execução desta pesquisa. Os fólhos foram costurados com barbante na lateral esquerda em três pontos perfeitamente separados entre si, todavia a única costura que ainda existe é a superior. A encadernação encontra-se em situação precária. As folhas de papel almaço que exercem a função de capa, estão rasgadas no lugar da costura superior e inferior. O texto foi escrito em uma coluna em papel almaço poroso com marca d'água em forma de estrela com seis pontas e a inscrição SMITH & MEYNI FIUME. Há algumas perfurações mínimas que atravessam quase todos os fólhos do documento, algumas chegando mesmo ao outro lado, e são, pode-se presumir, ocasionadas por insetos. Há um sinal no final do texto de alguns fólhos, provavelmente para marcar a impossibilidade de acréscimo. Isto ocorre nos fólhos 4 r linha 24, 5 r linha 34, 5 v linha 34, 6 r linha 34, 7 r linha 22, 8 r linha 32, 9 r linhas 16, 22

e 31, 9 r linha 16, 22 e 31, 10 r linha 33, 11 r linha 31, 12 r linha 16. Em vários fólhos do documento encontram-se alguns números ou letras, anterior ou posterior à mancha escrita, que parecem não fazer parte do texto e que aparentam ter sido grafados após. Isto acontece nos fólhos 4 r linha 10, 5 r linha 10, 7 r linha 16, 8 r linha 10, 9 r linha 18 e 26, 9 v linha 13, 10 r linha 13. A tinta utilizada foi de noz-de-galha, amarronzada pelo tempo que, absorvida pelo papel poroso, aparece no lado oposto ao da escrita, dificultando muitas vezes a leitura. O papel mede 330 mm. por 220 mm. (milímetros). Não há ornamentos, porém encontram-se muitas maiúsculas interessantes. A parte utilizada do documento contém aproximadamente 131 abreviaturas e nenhuma ligadura. Há um número razoável de palavras grafadas unidas. A escrita é cursiva do séc. XIX e a data do mesmo é 1881.

Proceder-se-á em seguida à apresentação detalhada de cada fólho selecionado para este trabalho, dando as dimensões da mancha escrita, número de linhas e detalhes de marcas ocasionadas pela tinta, pelo tempo ou pelo manuseio em cada um dos fólhos selecionados para a dissertação.

Fo p (portada)

Este fólho não apresenta numeração e foi escrito apenas no recto. Encontram-se vários rasgos na margem superior, inferior e direita a intervalos irregulares uns dos outros, bem como no lugar das costuras. Há alguns traços curvos fechando o espaço escrito. Na margem superior direita há algumas letras pequenas que não parecem fazer parte do texto do documento. As letras iniciais **T** na linha 2 e **A** na linha 7 são grafadas maiores, ocupando um espaço equivalente a três ou quatro linhas. Portada contendo as informações do local onde se desenvolve o processo, quem é o responsável por ele, nome do réu e do escrivão, bem como um termo de abertura. O fólho tem 14 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 260 mm. x 170 mm.

Fo d (despacho)

Este fólho não apresenta numeração e é escrito apenas no recto. O papel encontra-se rasgado no lugar em que estiveram as costuras. A letra **J** de Juízo está corroída nos traços mais grossos. O papel está dobrado formando orelhas na margem inferior direita. Na

margem superior direita há um despacho de 8 linhas curtas, que ocupam apenas o canto do fólho. Abaixo, no centro, encontra-se a palavra **Annos** ocupando o espaço equivalente a 6 linhas. Há alguns traços fechando o espaço escrito. As letras iniciais **J** na linha 2 e **A** na linha 8 são grafadas ocupando um espaço equivalente a seis linhas. Sumário de culpa contendo os seguintes dados: local onde acontece o processo, nome do responsável, dos réus e do escrivão, assim como o lançamento dos nomes dos réus no rol dos culpados e o despacho. O fólho tem 8 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 190 mm. x 240 mm.

Fo 1 r

No ângulo inferior direito, bem no canto, foi rasgado um pequeno pedaço do papel. Na sétima linha, centralizada e ocupando um espaço equivalente a 5 linhas encontra-se a palavra **Anno**. Há um traço longo no final da mancha escrita. É também Sumário de culpa e contém as mesmas informações dos fólhos anteriores. O fólho tem 17 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 280 mm. x 195 mm.

Fo 2 r e v

No fólho 2 r o papel está dobrado na margem inferior direita. As letras cujos traços são largos estão corroídas e com perfurações. Na lateral esquerda em sentido vertical há uma anotação marginal relativa à denúncia. Na 21ª linha e em sua entrelinha, na margem esquerda, há uma data e assinatura. No fólho 2 v o papel encontra-se dobrado na margem inferior esquerda. As últimas 9 linhas estão retiradas para a margem esquerda. Na vertical há duas linhas escritas à frente das mesmas e que são abraçadas pelo que parece ser uma chave selecionando os nomes das testemunhas. Os fólhos 2 r e v constituem o início do documento e trazem o encaminhamento feito pelo Promotor Público ao juiz municipal dizendo terem sido intimadas as testemunhas e abordando a denúncia contra Joaquim Pinto de Oliveira e Benedicto Pereira Bueno. O fólho 2 r tem 24 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 185 mm., o 2 v tem 19 linhas e 220 mm. x 150 mm.

Fo 3 r e v

No fólio 3 r pode-se encontrar a palavra ‘Anno’ novamente ocupando um espaço equivalente a 5 linhas na altura da 10ª linha. No fólio 3 v há dois traços longos e curvos que vão até o centro da página. Ainda no Sumário de culpa, os fólhos 3 r e v trazem a Autuação do corpo de delito procedido nos ferimentos feitos em Bernardino da Silva Reis. O fólio 3 r tem 17 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 290 mm. x 145 mm, o 3 v tem 2 linhas e 30 mm. x 140 mm.

Fo 4 r

Mais uma vez encontra-se a palavra ‘Anno’ ocupando um espaço de 5 linhas, na altura da décima. Entre o sinal do escrivão e a oitava linha, fora das margens da mancha escrita, à direita, há algo que lembra uma abreviatura, e apesar de não ser possível ter certeza ela será denominada de [abreviatura]. Apresenta informações referentes ao Corpo de delito procedido nos ferimentos feitos em Bernardino da Silva Reis. O fólio tem 24 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 310 mm. x 170 mm.

Fo 5 r – 6 v

Na altura da oitava linha do fólio 5 r há um chamado de correção. Os fólhos 5 r e v, 6 r e v trazem o termo de informação do crime no qual estão relatados os depoimentos dos envolvidos na tentativa de homicídio. O 5 r tem 34 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 160 mm., o 5 v tem 34 linhas e 300 mm. x 140 mm., o 6 r tem 34 linhas e 300 mm. x 140 mm. E o 6 v tem 24 linhas e 220 mm. x 145 mm.

Fo 7 r

É um papel almaço com o timbre da delegacia de polícia da cidade da Cachoeira já impresso, bem como as palavras para se completar a data ‘em..... de..... de 188.....’. Ainda encontramos a letra ‘N’ maiúscula no início da 3ª linha. O restante da

mancha escrita é manuscrita. Este fólio traz a notificação feita pelo escrivão da delegacia de polícia aos doutores Arthur Ferreira e Francisco de Souza. O fólio tem 22 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 155 mm.

Fo 8 r – 9 v

Os fólhos 8 r e v, 9 r e v contêm o auto do corpo de delito procedido nos ferimentos feitos em Bernardino da Silva Reis, realizado no Hospital da Santa Casa da Misericórdia em Cachoeira. O fólio 8 r tem 32 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 140 mm., o 8 v tem 33 linhas e 300 mm. x 140 mm., o 9 r tem 31 linhas e 300 mm. x 160 mm., o 9 v tem 17 linhas e 190 mm. x 160 mm.

Fo 10 r – 11 v

Os fólhos 10 r e v, 11 r e v trazem o auto de perguntas feitas a Bernardino da Silva Reis, a conclusão e a publicação. O fólio 10 r tem 33 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 160 mm., o 10 v tem 34 linhas e 300 mm. x 140 mm., o 11 r tem 31 linhas e 300 mm. x 160 mm., o 11 v tem 29 linhas e 290 mm. x 160 mm.

Fo 12 r – 12 v

Os fólhos 12 r e v contêm a remessa informando que o escrivão Miguel Vieira Muniz Barreto remeteu os autos do Promotor Público, a data e a vista. O fólio 12 r tem 33 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 160 mm., o 12 v tem 24 linhas e 300 mm. x 140 mm.

Fo 13 r – 14 v

Na altura da 10ª à 12ª linhas do fólio 14 v há uma escrita retirada da mancha escrita, na margem esquerda. Os fólhos 13 r e v, 14 r e v contêm a data em que foram entregues os autos do processo ao escrivão Francelino Cabral, a conclusão dos autos redigida pelo mesmo e a vista. O fólio 13 r tem 22 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300

mm. x 140 mm., o 13 v tem 27 linhas e 300 mm. x 140 mm., o 14 r tem 30 linhas e 290 mm. x 140 mm., o 14 v tem 23 linhas e 230 mm. x 160 mm.

Fo 15 r

Há um traço longo e sinuoso, que vai desde o final do texto até o centro do fólio. Juntada feita pelo escrivão Francelino Cabral. O fólio tem 9 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 80 mm. x 140 mm.

Fo 16 r e v

O título no fólio 16 r encontra-se lançado à direita. Os fólios 16 r e v trazem o mandado intimatório para as testemunhas, juntada feita pelo escrivão Francelino Cabral e a colocação do mesmo de ter assistido ao depoimento das testemunhas. O fólio 16 r tem 22 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 170 mm., o 16 v tem 23 linhas e 220 mm. x 150 mm.

Fo 17 r e v

O título no fólio 17 r encontra-se lançado à direita. No 17 v há um traço longo e curvo que vai do final do texto até o centro do fólio. Os fólios 17 r e v apresentam o mandado intimatório para as testemunhas e a afirmação de que as mesmas foram intimadas. O fólio 17 r tem 29 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 290 mm. x 175 mm., o 17 v tem 4 linhas e 25 mm. x 160 mm.

Fo 18 r – 19 r

Os fólios 18 r e v, 19 r apresentam o auto de qualificação contendo as perguntas feitas pelo juiz a Joaquim Pinto d'Oliveira e Benedicto Pereira Bueno. O fólio 18 r tem 33 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 150 mm., o 18 v tem 31 linhas e 300 mm. x 160 mm., o 19 r tem 18 linhas e 160 mm. x 150 mm.

Fo 20 r – 22 v

Os fólhos 20 r e v, 21 r e v, 22 r e v contêm a assentada e o depoimento de três testemunhas. O fólho 20 r tem 30 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 300 mm. x 150 mm., o 20 v tem 33 linhas e 290 mm. x 150 mm., o 21 r tem 29 linhas e 300 mm. x 150 mm., o 21 v tem 30 linhas e 290 mm. x 150 mm., o 22 r tem 29 linhas e 290 mm. x 150 mm., o 22 v tem 34 linhas e 300 mm. x 150 mm.

Fo 23 r

Este fólho traz a juntada, ele tem 20 linhas e a mancha escrita ocupa a dimensão de 230 mm. x 150 mm.

4.3 Relação e Classificação das Abreviaturas**4.3.1 Contração ou Síncope**

P(in)to: fo d linha 8 do despacho.

Ill(ustrissi)mo: fo 2 r linha 1; fo 13 r linha 12.

S(enho)r: fo 2 r linha 1.

D(outo)r: fo 2 r linha 1, fo 2 v linha 10 e 19; fo 7 r linha 4; fo 9 r linha 11, 12; fo 12 r linha 17; fo 12 v linha 20; fo 13 r linha 12; fo 13 v linha 11; fo 14 r linha 6 e 16; fo 17 r linha 4.

test(emunh)as: fo 11 v linha 12.

P(ar)a: fo 12 r linha 18.

Br(an)dão: fo 16 v linha 4.

S(ant)'Anna: fo 22 r linha 4; fo 6 v linha 15.

4.3.2 Letra Sobreposta

Cax(oei)ra: fo d linha 2; fo d linha 6 do despacho.

S(ilv)a: fo d linha 8 do despacho.

Escr(iva)m: fo 1 r linha 7; fo 2 r linha vertical na margem esquerda; fo 3 r linha 9; fo 4 r linha 1; fo 7 r linha 4; fo 13 r linha 22; fo 21 r linha 16; fo 22 r linha 15; fo 23 r linha 11.

Escriv(a)m: fo 22 v linha 31.

Escr(iv)am: fo d linha 8 do despacho.

Escri(va)m: fo 12 v linha 6; fo 21 r linha 3.

Cach(oei)ra: fo 4 r linha 1; fo 17 r linha 5.

Cacho(eir)a: fo 16 r linha 6.

D(i)tas: fo 4 r linha 4.

X(avier): fo 6 v linha 14; fo 9 r linha 10; fo 9 v linha 7; fo 11 r linha 18; fo 22 v linha 33.

Ferr(eir)a: fo 7 r linha 5.

Hosp(it)al: fo 7 r linha 8.

Off(ici)al: fo 2 r linha 22 da nota marginal, fo 13 r linha 15; fo 14 v linha 11.

C(onc)l(u)zos: fo 9 v linha 3; fo 11 v linha 4.

C(onc)l(us)o: fo 13 v linha 10; fo 14 v linha 8

M(ar)ço: fo 9 v linha 6.

M(arç)o: fo 11 v linha 16.

Deleg(ad)o: fo 11 v linha 16.

Desp(ach)o: fo 12 v linha 20; fo 14 r linha 6.

represent(ant)e: fo 13 v linha 10.

Represent(aç)am: fo 13 r linha 21.

S(enhori)a: fo 13 r linha 18.

V(is)ta: fo 12 v linha 19; fo 14 r linha 6.

q(ua)lq(ue)r: fo 16 r linha 7; fo 17 r linha 6.

cumprim(en)to: fo 16 r linha 8.

Prez(ent)e: fo 16 r linha 9.

Corr(ent)e: fo 17 r linha 10 e 18.

Ci(da)de: fo 16 r linha 20; fo 17 r linha 5, 13, 17.

Test(emunh)as: fo 11 v linha 12

testem(uh)as: fo 16 r linha 29.

Aud(ien)cias: fo 16 v linha 20.

X(avi)er: fo 6 v linha 24; fo 9 v linha 7; fo 11 r linha 18; fo 11 v linha 17; fo 21 r linha 5.

Fran(cis)co: fo 6 v linha 21; fo 11 v linha 13; fo 16 r linha 11; fo 17 r linha 11.

Fr(ancis)co: fo 17 r linha 28.

Ma(no)el: fo 22 r linha 5.

Oliv(ei)ra: fo 11 v linha 13

Aug(us)to: fo 12 v linha 24

Sen(ho)r: fo 13 r linha 12

4.3.3 Suspensão ou Apócope

f(olha): fo d linha 3 e 4 do despacho; fo 9 r linha 17; fo 14 r linha 11; fo 20 r linha 27; fo 21 r linha 28; fo 22 r linha 27.

F(rancelino): fo 1 r linha 7; fo 3 r linha 9.

V(alle): fo 1 r linha 7; fo 3 r linha 9.

J(osé): fo 2 v linha 19.

A(ugusto): fo 2v linha 19.

art(igo): fo 2 r linha 17.

M(aniel): fo 6 v linha 24

M(anoel): fo 7 r linha 12; fo 9 v linha 7; fo 11 v linha 17.

q(ue): fo 16 r linha 26.

Cach(oeira): fo 11 v linha 16.

D(o): fo 12 r linha 17.

S(ecretário): fo 12 r linha 17

P(romotor): fo 12 v linha 20 e 23; fo 14 r linha 6.

P(ublico): fo 12 v linha 20 e 23; fo 14 r linha 6.

P(or): fo 16 r linha 9.

S(ua): fo 13 r linha 18.

4.4 Ocorrências gráficas

A escrita de qualquer língua sempre atraiu estudiosos, levando-os a analisar os porquês de se usar, por exemplo, a letra **x** ou o **ch** já que, em Língua Portuguesa, ambas podem equivaler ao mesmo fonema. Para melhor visualizar esta situação é importante relembrar brevemente alguns pontos relevantes no que se refere à grafia das palavras.

Duas forças se opõem na constituição da ortografia de um idioma: uma fonética e outra histórica. Tal fato acaba gerando uma situação arbitrária, pois não se vêem parâmetros claros para a utilização de um ou outro fonema. Para melhor compreensão dividiu-se a história da grafia portuguesa em três períodos.

O primeiro período corresponde à época do português arcaico e poderia ser denominado *fonético*. A este respeito Pilar Vazquez Cuesta e Maria A. M. da Luz escreveram:

Nos primeiros tempos da língua os escrivães tiveram o desejo de representar foneticamente os sons das novas palavras romances. Mas, como muitos deles não existiam em latim, tornava-se necessário adoptar velhas grafias ou inventar outras que necessariamente variavam segundo o critério de cada pessoa. Isto explica a falta de unidade ortográfica do português arcaico, em que os sons aparecem representados de maneira muito variada e em que muitas vezes uma mesma grafia é atribuída a sons diferentes.¹¹

¹¹ CUESTA, Pilar Vázquez, LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1970. p.336.

O segundo período vai desde o Renascimento até o princípio do nosso século. Considera mais relevante a etimologia das palavras, retrocedendo até sua origem, sendo portanto classificado como *etimológico*.

O terceiro estende-se desde o ano de 1916 até aos nossos dias e é chamado de *período das reformas ortográficas*. Nesta época procurou-se uniformizar a ortografia portuguesa através de variadas reformas. Uma análise histórica detalhada disto seria excelente idéia. Todavia devido ao tempo e ao objetivo pretendido isto não será possível.

Tomando por base o manuscrito, escrito em Língua Portuguesa no século XIX, será feito um levantamento gráfico visando a formas como emprego da consoante **h**, geminação de letras, alteração da grafia da mesma palavra dentre outros itens. Ver-se-ão alguns exemplos, o objetivo não é esgotar todos os itens referentes à grafia do documento, também não se tem a ousadia de enumerar todos os exemplos, pois alguns se repetem freqüentemente, não somente em termos de tipo, mas da palavra, por isto relacionar-se-á apenas uma vez o mesmo exemplo em cada tópico.

Quanto ao *Documento de Queixa-Crime* em estudo deve-se levar em conta que o mesmo foi escrito por aproximadamente seis escrivãos. Dentre estes destacaremos apenas Miguel Vieira Muniz Barretto e Francelino do Valle Cabral. Sendo que ambos foram os que mais redigiram o documento do processo de tentativa de homicídio, o levantamento gráfico será feito no texto dos dois e não tem por objetivo esgotar todos os exemplos, apenas ilustrar as possibilidades.

A) LEVANTAMENTO GRÁFICO REALIZADO NO TEXTO DO ESCRIVÃO MIGUEL VIEIRA MUNIZ BARRETTO

c - aparece antes da letra T

delicto fo 4 r linha 8; auctuei fo 4 r linha 20; efectivamente fo 5 r linha 15; facto fo 5 r linha 16; acto fo 5 r linha 21; conductor fo 5 r linha 32; conflicto fo 10 v linha 26.

ff – geminação que ocorre no interior do vocábulo.

proffissão fo 5 v linha 7; offença fo 8 r linha 26; affirmativamente fo 8 v linha 25; officio fo 9 r linha 18; Affricana fo 6 r linha 10.

tt – geminação que ocorre no interior do vocábulo

ditto fo 4 r linha 15; marretta fo 5 v linha 30; Mattos fo 11 r linha 4.

ll – geminação que ocorre no meio dos vocábulos, sempre entre vogais

elle fo 5 v linha 27; allegar fo 6 r linha 16; ella fo 8 v linha 5; cabelludo fo 8 v linha 21; selladas fo 9 r linha 18; Marcellino fo 11 r linha 4; Rabello fo 11 r linha 20.

mm – para indicar nasalização da vogal

communique fo 21 r linha 12.

g – precede a consoante n

assignado fo 6 v linha 7; assigna fo 6 v linha 10; assignei fo 12 r linha 14.

h - aparece no início das palavras

homtem fo 5 r linha 11; hindo fo 5 v linha 31.

h - assinala o hiato em algumas palavras

cahindo fo 5 v linha 27; Andarahy fo 6 r linha 13; cahio fo 6 r linha 30.

h - forma dígrafo

inhabilitação fo 8 v linha 2.

h - apenas acompanha as palavras

physica fo 8 r linha 26; thoraxica fo 8 v linha 17; Arthur fo 9 r linha 12; Theodoro fo 10 r linha 19.

o – usado em lugar de u

compariceo fo 5 r linha 9; predeo fo 5 r linha 22; recebeo fo 5 v linha 33; cahio fo 6 r linha 30; deferio fo 8 r linha 16; logar fo 10 r linha 21.

i – usado em lugar de e

di fo 1 r linha 11; despacho fo 9 v linha 12; testemunhas fo 17 r linha 10; compariceo fo 5 r linha 9.

s - acompanha o c no início das palavras

scientes fo 7 r linha 19.

s- usado em lugar de ss

desesete fo 12 v linha 9; asaltado fo 5 v linha. 22

s – usado em lugar de z

disendo fo 5 r linha 10; comdusia fo 5 r linha 25; comdusido fo 5 v linha 5; trasia fo 5 v linha 30; trasião fo 6 r linha 3.

ss usado em lugar de ç

servisso fo 8 v linha 8.

y – usado em lugar de i

Andaray fo 6 r linha 13; Raymundo fo 8 r linha 15; physica fo 8 r linha 26; escrevy fo 9 r linha 9.

e – usado em lugar de i

deligencias fo 5 r linha 28; encontiente fo 5 r linha 28; feliação fo 5 v linha 6; inhabilitação fo 8 v linha 2; derigir fo 10 v linha 6; emcomodo fo 8 v linha 7.

Ausência de marca da nasalidade

uis fo 5 v linha 21.

m – usado em lugar de n

conflicto fo 10 v linha 26; conforme fo 11 r linha 12; Bemjamim fo 11 r linha 13; conclusão fo 11 r linha 22; comdusido fo 6 r linha 1.

pt – grupo consonantal que aparece nesse período provavelmente por influência latina

escripto fo 9 r linha 5; Baptista fo 11 r linha 13.

z – usado em lugar de s

caza fo 5 r linha 5; residencia fo 5 r linha 5; defeza fo 5 v linha 18; Reiz fo 8 r linha 3; cauzado fo 8 v linha 32; misericordia fo 10 r linha 7; ocazião fo 10 v linha 2.

ç – usado em lugar de s

offença fo 8 r linha 26.

ss – usado em lugar de c, ç

nessessarias fo 8 v linha 13; fasso fo 12 r linha 5.

Torna-se igualmente interessante ressaltar os casos de alternância de formas e as formas verbais de 3ª pessoa grafadas com ão.

Alternância de formas

uis fo 5 v linha 21; úns fo 5 v linha 22.

defeza fo 5 v linha 18; defesa fo 6 r linha 20.

casa fo 8 r linha 7; caza fo 5 r linha 5.

Formas verbais de 3ª pessoa grafadas com ão

comparicerão fo 5 r linha 8.

achavão fo 5 r linha 14.

acabavão fo 5 v linha 16.

trasião fo 6 r linha 3.

forão fo 7 r linha 9.

responderão fo 7 r linha 18.

passarão fo 8 v linha 11.

declararão fo 8 v linha 14.

forão fo 8 v linha 27.

erão fo 8 v linha 33.

serião fo 10 r linha 29.

presenciarão fo 10 v linha 33.

B) LEVANTAMENTO GRÁFICO REALIZADO NO TEXTO DO ESCRIVÃO FRANCELINO DO VALLE CABRAL

c - aparece antes da letra T

Douctor fo 14 r linha 2; auctores fo 20 v linha 15; factof22 v linha18; actual fo 21 r linha10.

ff – geminação que ocorre no interior do vocábulo.

caffé fo 21 v linha 2; official fo 17 r linha 6.

tt – geminação que ocorre no interior do vocábulo

prometteo fo 22 r linha 23.

ll – geminação que ocorre no meio dos vocábulos, sempre entre vogais

Illustrissimo fo 13 r linha; elle fo 22 v linha 5; salla fo 18 r linha 5; fallavão fo 21 v linha 9; fallar fo 22 v linha 15.

mm – para indicar nasalização da vogal

Summario fo 17 r linha 14; communique fo 21 r linha 12.

nn – geminado para indicar nasalização da vogal anterior

anno fo18 v linha 15; Boenno fo 19 r linha 18.

g – precede a consoante n

assignando fo 21 v linha 31; assigna fo 22 v linha 26.

h - assinala o hiato em algumas palavras

ahi fo 18 r linha 9.

o – usado em lugar de u

respondeo fo 18 r linha 13; ouvio fo 20 v linha 2; deo-se fo 20 v linha 29; prometteo fo 22 r linha 23; seo fo 22 r linha 29; conheceo fo 20 v linha 8.

u – usado em lugar de i

cousa fo 20 v linha 21.

s – usado em lugar de c

sita fo 21 v linha 1.

s - acompanha o c no início das palavras

sciente fo 16 v linha 21.

e – usado em lugar de i

quaes fo 1 r linha 14; desia fo 20 v linha 4.

pt – grupo consonantal que aparece nesse período provavelmente por influência latina

escriptorio fo 16 v linha 15.

z – usado em lugar de s

rezidentes fo 16 r linha 13.

ch – usado em lugar de x

chicara fo 21 v linha 2.

s usado em lugar de z

Desesete fo 3 r linha 13; juis fo 13 r linha 6; diser fo 20 r linha 24; voses fo 20 v linha 2; desia fo 20 v linha 4; juiso fo 21 r linha 13.

Torna-se igualmente interessante ressaltar os casos de alternância de formas e as formas verbais de 3ª pessoa grafadas com ão.

Alternância de formas

dous fo p linha 8; dois fo 1 r linha 11.

Formas verbais de 3ª pessoa grafadas com ão

tinhão fo 20 v linha 27.

dição fo 21 v linha 3.

fallvão fo 21 v linha 9.

5. CRITÉRIOS ADOTADOS NA TRANSCRIÇÃO

Baseando-se nas normas aprovadas e que vigoram desde 1993 e adequando-as às necessidades do manuscrito em questão foram adotados os seguintes critérios para a transcrição:

- desdobraram-se as abreviaturas, colocando-se a parte desenvolvida entre parênteses (.....);
- escreveram-se os numerais nas suas formas originais, exatamente como aparecem no texto do documento;
- colocaram-se reticências entre colchetes [...], quando a leitura não foi possível, devido à ilegibilidade ou mutilação do manuscrito;
- colocou-se uma interrogação entre colchetes [?], quando a leitura paleográfica de uma palavra foi duvidosa;
- indicaram-se as assinaturas de encerramento do texto com a palavra sinal entre colchetes [sinal];
- foram transcritas normalmente, como qualquer outra palavra, as assinaturas legíveis;
- respeitou-se a apresentação do manuscrito, ou seja, a forma como se encontra a mancha escrita;
- colocaram-se entre chaves as letras ou palavras ilegíveis, porém presumíveis de acordo com o texto do manuscrito {s};
- estipulou-se chamar os fólios não numerados do documento como: o primeiro que equivale à portada de fólio “p”; o segundo que contém o despacho de fólio “d”;
- numeraram-se as páginas da transcrição, incluindo-se o recto e o verso (Fo 1 r, Fo 7 v) na parte superior, à direita;
- numerou-se o texto linha por linha, desde a primeira, indicando-se a numeração de cinco em cinco linhas.

6. TRANSCRIÇÃO

Fo p

1882

Tribunal do Jury da Cidade da Cachoeira

A Justiça por seo Promotor.....Autora
 Benedicto Pereira Bueno.....Reo prezo

05 Escrivão Satyro da Silva Pinto

10 Anno do Nascimento de Nosso
 Senhor Jezus Christo de mil oito centos
 oitenta e dous, aos vinte e nove dias do mez
 de Maio do dito anno, nésta Cidade da
 Cachoeira, e sala das Sessões do Tribunal do
 Jury, ahi autoei o processo, que adiante
 segue-se; e para constar lavro este termo.
 Eu Satyro da Silva Pinto, escrivão do Jury
 o escrevi.

	1881	
	Juizo Municipal da Cidade da Cax(oei)ra	Lançado os nomes dos réos, o do 1º af(olha) 252 v, eo do 2º af(olha) 160 v do rol dos culpados. Cax(oei)ra 1º de Outubro de 1881 O Escr(iv)am S(ilv)a P(in)to
	Summario de Culpa	
	Escrivão Satyro da Silva Pinto	
05	A Justiça por seo Promotor.....	Autora
	Joaquim Pinto d'Oliveira, (este fallecido Benedicto Pereira Bueno	Réos prezos

Anno

1881

Juizo Municipal

Summario de culpa

05	A Justiça.....	Autora
	Joaquim Pinto d'Oliveira e Benedicto Pereira	
	Bueno.....	RR presos

Escreva) m F(rancelino) {do} V(alle) Cabral

10	Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu{s} Chris- to de mil oito centos e oitenta e um, ao{s} vinte e dois diaz do mez di Março, n'esta Heroi- ca Cidade da Cachoeira, em meo Cartorio, autuei apetição de denuncia e inquerito pollicial, os quaes ade ante sesequem;
15	do que para constar faço este termo Eu Francelino do Valle Cabral. Escreva) m que o escrevi.

05 para o comparecimento, sob
as penas da lei: segues [...]
Em Mes seja lida a vista de
culpa no [...] em que se
achão em tudo guardadas
as formalidades legaes

E.P.V.
Cachoeira 17 de Março de 1881
O Promotor Publico

10 D(outo)r José Augusto de Freitas

Testemunhas
Claudio Fogueteiro[...]
Francisco Ramos de Oliveira
Izidro de Matos

15 Xavier de Tal
Marcelino Bernardo

Era[...]
O [...]
D(outo)r J(osé) A(ugusto) de Freitas

1881

Juizo Municipal

Summario de Culpa

- 05 Autuação de Corpo de delicto pro
cedido nos ferimentos feitos em Ber-
nardino da Silva Reis, por Joaquim
Pinto d'Oliveira e Benedicto Pereira
Bueno, réos presos.
- Escreva) m F(rancelino) {do} V(alle) Cabral
- 10 Anno
do nascimento de Nosso Senhor Jesus
Christo de mil oito centos e oitenta e
um, aos desesete dias do mes de Março
n'esta Heroica Cidade da Cachoei-
ra, em meo cartorio, autuo o corpo de
15 delicto que adiante se segue; do
que para constar faço este termo.

Eu Francelino do Valle Cabral. Escri-
vão que o escrevi.

1881

A Escr(iva)m Cabral Cach(oei)ra

17 de Março de 1881

D(i)tas [...]

05 Delegacia da Cidade da Cachoeira

Escrivão..... Muniz Barretto

[sinal]

[abreviatura]

10 Corpo de delicto procedido nos ferimentos
feitos em Bernardino da Silva Reiz, co-
mo a diánte se vê.

500

Anno

15 do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chris-
to de mil oito centos e oitenta e um, nesta
Heroica Cidade da Cachoeira, aos primei-
ro dia do mez de Março do ditto anno, nes-
ta, digo anno, em meu cartorio, por par=
te do Delegado da Policia do Termo, o Te-
nente Manoel Xavier de Miranda me
foi entregue aportaria que adiante se-
gue, aqual auctuei; e para constar la-
vro o presente termo e dou fé. Eu Mi-
guel Veira Munis Barretto escrivão
o escrevy

[sinal]

Termo de informação do crime.

Aos primeiro dia do mez de Março, do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e oitenta e um, nesta Heroica
05 Cidade da Cachoeira e caza da residencia do Delegado de Policia do Termo, o Tenente Manoel Xavier de Miranda, onde eu escrivão de seu cargo abaixo declarado fui vindo, a hi compareirão, digo, a hi compareceo o cabo de esquadra
10 Manoel Leopoldino de Sant'Anna disendo 32
que homtem as nove horas da noite lhe foi ordenado pelo Senhor Tenente Comandante do Destacamento que fosse para o lado do Caquende prender huns individuos que se achavão em des-
15 ordem e efectivamente para lá seguindo algumas praças soube que o facto se tinha dado no principio da ladeira da Terra vermelha estando ferido o individuo de
20 nome Bernardino, e que os delinquentes achavão-se em casa de Marcos na mesma ladeira e sendo tudo isto em acto seguido ao facto criminoso prendeo a Joaquim Pinto de Oliveira, Benedicto Pereira Bueno, e os recolhendo a cadeia por ser tarde e não
25 estar presente o Senhor Delegado os comdusia agora apresença deste juizo sendo acompanhado das praças que se acharão nas deligencias. Encontinente interrogando o Delegado a algumas
30 das praças, disse Justiniano Thelis de Oliveira que era verdade o que acabava de dizer o conductor, o que foi tambem confirmado pelas outras testemunhas João
[sinal]

João de Deus Diamantino, Faustino Ferreira de Carvalho, Antonio Cardoso Vianna, e João Paulilho Cardial de Moura. Passando o Delegado a interrogar o comdusido Joaquim Pinto de Oliveira, Perguntou-lhe qual o seu nome, felição, idade, estado proffissão nacionalidade, naturalidade e se sabia ler e escrever? Respondeu chamar-se Joaquim Pinto de Oliveira, filho legitimo de Francisco Pinto de Oliveira, de trinta e oito annos de idade, Solteiro, Jornaleiro, Brasileiro, natural e morador desta Freguesia não sabe ler nem escrever.

05

10

15

20

25

30

Perguntou-lhe mais o Delegado se era verdade o que acabavão de dizer as pessoas presentes eo que tinha de alegar em sua defeza... Respondeu que homtem as nove horas da noite mais ou menos, subindo para sua casa a ladeira da Terra vermelha, levando nas mãos uis remedios que tinha comprado para si e úns generos foi asaltado por Bernardino da Silva Reiz que derisindolhe algumas palavras estando armado de faca e cacete deu-lhe úma pancada na cabeça de que resultou úm ferimento, cahindo elle acusado com a pancada que recebera, e neste acto Benedicto Pereira Bueno que vinha com elle comdusido, e trasia uma marretta que recebeu em caminho tratou de defende-lo hindo tambem sobre Bernardino. Perguntado se Bernardino não recebeo úma facada e

[sinal]

e se esta não foi dada por elle comdusido
ou seu companheiro? Respondeu negativa-
mente, por que não trasião armas. Pas-
sando o Delegado a interrogar ao comdu-
sido Benedicto Pereira Bueno, perguntou
05 lhe qual o seu nome, feliação, idade,
estado, naturalidade, nacionalida-
de, proffissão e se sabia ler e escrever?
Respondeu Benedicto pereira Bueno,
10 filho natural da Affricana Júlia, de
idade de vinte cinco annos mais ou
menos, Solteiro, Pedreiro, Brasileiro,
natural do Andarahy, sabe ler e es-
crever. Perguntou-lhe mais o Delegado
15 se era verdade o que acabava de dizer
os guardas presentes e o que tinha a alle-
gar em sua defesa? Respondeu que era
verdade ter sido preso hontem a noite pelo
facto de que se trata, mas que em sua
20 defesa declarava que subindo a ladei-
ra com Joaquim Pinto desarmado e ajú-
dando a levar úmas couzas deste, bem
como úma marretta e sendo na levada
agredido Joaquim Pinto, e elle respondente
25 por Bernardino que armado de faca
e cacete espancava a Joaquim Pinto, elle
respondente empregou a marretta que tra-
sía em defesa de seu companheiro em
Bernardino que ao receber a pancada
30 pulou e cahio dentro da levada seguindo
Elle respondente e Joaquim Pinto para
casa de Marcos aonde pouco depois
foram presos pela policia, Pergun-
[sinal]

Perguntado se elle respondente não trasia consigo úma faca de ponta com que ferira a Bernardino? Respondeu negativamente. E por nada mais haver respondido nem lhe ser perguntado, mandou o juiz lavrar de tudo o presente termo, que vai rubricado pelo juiz, e assignado pelo mesmo, conductor preso e testemunhas já declaradas, ou por não saber ler nem escrever o acusado Joaquim Pinto de Oliveira, assigna a seu rogo Francisco Cassiano da Silva do que tudo dou fé. Eu, Miguel Vieira Muniz Barretto escrivão o escrevy.

05

10

15

20

Manoel X(avi)er de Miranda
Manoel Leopoldino de S(ant)'Anna
João a. Dias Diamantino
Justiniano Telles de Oliveira
Arogo de Faustino Ferreira de Carvalho
Antonio Joaquim de Sá
Antonio Cardozo Vianna

Fran(cis)co Cassiano da Silva
Benedicto Pereira Buenno
Arogo de João Passarhiho Calixto Hora
M(anuel) X(avi)er Pinheiro

[Timbre] Delegacia de Policia da Cidade da Cachoeira
em 1º de março de 1881

N

05 O Escr(iva)m M(iguel). Barretto intimou aos D(ou)tr Arthur Jansen
Ferr(eir)a e Francisco Romano de S(ou)za para, hoje
as 11 horas do dia, procederem a exame de corpo de
delicto na pessoa de Bernardino da Silva Reis,
10 Que se acha recolhido ao Hosp(it)al desta Cidade,
em virtude dos ferimentos que hontem lhe forão fei-
tos

Cumpra
M(anoel) Miranda

15 Certifico eu escrivão abaixo declarado, que
em comprimento a portaria supra, sendo nesta
Cidade, em proprias pessoas notifiquei aos
Doutores Arthur Jansen Ferreira, e Francis- 8r
co Romano de Souza de todo conteudo
da mesma portaria, do que me responde-
rão ficarem scientes. O referido é verdade
20 e dou fé. Cachoeira 1º de Março de 1881.
O Escrivão. Miguel Vieira Muniz Barretto.
[sinal]

Auto de corpo de delicto procedido nos ferimentos feitos em Bernardino da Silva Reiz como abaixo se declara.

05 Ao primeiro diado mez de Março do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e um, nesta Heroica Cidade da Cachoeira, e Hospital da Santa Casa de Misericordia, onde foi vindo o Delegado de Policia do Termo, o Tenente Manoel Xavier de Miranda, comigo escrivão de seu cargo a baixo declarado, os peritos nomeados Doutores Francisco Romano de Souza e Arthur Jansen Ferreira, e as testemunhas João Lins da Silva
10 e José Raymundo Vieira da Silva, todos moradores desta Cidade. O Juiz deferio aos peritos o juramento dos Santos Evangelhos, de bem e fielmente desempenharem a sua missão declarando com verdade o que descobrirem e encontrarem e o que em suas consciencia entenderem, e em carregou-lhes que procedessem o exame em Bernardino da Silva Reiz – que presente se achava e que respondessem aos quesitos seguintes. Primeiro, se há o ferimento ou offença physica? Segundo se é mortal? Terceiro, qual o instrumento que o ocasionou? Quarto se houve ou resultou mutilação, ou destruição de algum membro ou órgão? Quinto, se pode haver ou resultar essa mutilação ou destruição?

9r

[sinal]

destruição? Sexto, se pode haver ou resultar
inhabilitação de membro ou órgão sem
que fique elle destruido? Setimo, se pode
haver ou resultar alguma deformidade,
05 e qual ella seja? Oitavo se o mal resultante
do ferimento ou offença physica
produz grave emcomodo de saude?
Nono, se inhabilita do servisso por mais
de trinta dias? E finalmente qual o
10 valor do damno cauzado? Em consequencia
passarão os peritos a faser os exames e
investigações ordenadas e as que julgarem
nessessarias concluídas as quaes declararão o
15 seguinte. Terem encontrado úma solução de
continuidade penetrante na parte superior da
região thoraxica esquerda com cinco centimetro
de extensão derigida de cima para baixo e de
dentro para fora; outra na articulação fronto-
20 parietal esquerda interessando o couro cabelludo
com direção de cima para baixo e de dentro
para fora, tendo seis centimetros de extensão.
A vista do que respondem ao primeiro quesito
25 affirmativamente, ao segundo negativamente,
ao terceiro, que as offenças a simas forão
ocasionadas por instrumento cortante e
perfurante, aos quarto, quinto, sexto, e
30 setimo, negativamente; ao oitavo affirmativamente,
ao nono negativamente. e arbitra o danno
cauzado em oitenta mil reis. E são estas as
declarações

e dou fé. Eu Miguel Vieira Munis Barretto escrivão o escrevy.

C(onc)l(u)zos

05 Julgo procedente o corpo de de{li}cto a que
[...] constas afinal
[...] em Cacho(eira) 2 de m(ar)ço de 1881
M(anoel) X(avier) de Miranda

Publicação

10 Aos dois de Março do anno de mil oi-
to centos e oitenta e um, nesta Heroica Ci-
dade da Cachoeira, em meu cartorio fa-
ço publico o despacho do Delegado de Po-
200 licia do Termo, o Tenete Manoel Xa-
viér de Miranda na forma do mesmo
15 despacho do que para constar lavro
o presente termo e dou fé. Eu Miguel
Vieira Munis Barretto escrivão o escrevy.

Auto de perguntas feitas a Bernardino da
Silva Reiz, como abaixo se declara

05 Ao primeiro dia do mez de Março do anno,
do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de
mil oito centos e oitenta e um, nesta Heroi-
ca Cidade da Cachoeira, e Hospital da San-
ta Casa de Misericordia, onde foi vindo o
10 Delegado de Policia do Termo, o Tenente Mano-
el Xavier de Miranda, comigo escrivão de seu
cargo abaixo declarado, a hi presente Bernar-
dino da Silva Reiz, pelo ditto Delegado lhe fo-
ram feitas as perguntas seguintes.

15 Perguntado qual o seu nome, idade, estado, felição, naturalida
de e proffissão? 9r

20 Respondeu chamar-se Bernar-
dino da Silva Reiz, de vinte cinco annos de
idade mais ou menos, Solteiro, filho legitimo
de Theodoro da Silva Reiz, natural da Fregue-
sia da Cruz das Almas morador nesta
Cidade, no logar da terra vermelha onde
vive de ser lavrador, não sabe ler nem escre-
ver.

25 Perguntado, como se deu o facto pelo qual
recebeu elle respondente os ferimentos cons-
tantes do Corpo de delicto de folhas?

30 Respondeu
que no dia vinte oito de Fevereiro proximo
findo, serião sete horas da noite mais ou
menos, estando elle respondente na travessa
da levada, esperando por um seu compa-
nheiro de nome Alexandre para subirem
[sinal]

subirém juntos para caza, foi a hi chegando
Joaquim Pinto de Oliveira, que nesta ocazião
tambem subia com seu companheiro. Bene-
dicto Pereira Bueno, e o insultou com pa-
05 lavras injuriosas, que o obrigou tambem
a derigir algumas palavras de observações
ao referido de Joaquim Pinto, que neste acto
deu-lhe uma horrivel pancada com uma
marretta de ferro que trasia, ao que obri-
10 gou a elle respondente em sua defesa lan-
çar mão de um pequeno porrete que tra-
sía e dar-lhe tambem uma porretada;
sen do neste acto elle respondente agre=
15 dido por Beneditto Pereira Bueno, con-
panheiro de Joaquim Pinto, de quem rece-
beu uma facada, de cujo ferimento
cahio quasi tanto na levada, pendendo
ao depois levantar-se, em procura da
20 caza de Rebouça, que o trouxe imedia-
tamente para o Hospital onde se acha.

Perguntado se entre elle respondente
e Joaquim Pinto havia algum motivo, ou
rixa velha que desse lugar a esse baru-
lho?

25 Respondeu que Joaquim Pinto, ha cin-
co ou seis dias antes do conflicto que se
tornou seu inimigo, sem motivo justo,
e todas as noites quando subia da Cacho-
eira para caza onde mora, e que se en-
30 contrava com elle respondente, era sem-
pre insultando e jurando de vingar-se.

Perguntado quaes as pessoas que
presenciarão o conflicto?

Respondeu

05 Respondeu que só se re corda de ter visto
presente, e perto do conflicto Claudio
Fugueteiro, Francisco Ramos de Oliveira;
Izidro de Mattos, Xavier de Tal, Mar
cellino Bizerra.

10 E por nada mais lhe ser per-
guntado nem respondido mandou o Dele-
gado lavrar o presente auto em o qual as-
signa acargo do respondente por este
não saber ler nem escrever João Lins
da Silva de pois de lhe ser lido e o achar
conforme perante as testemunhas
15 Benjamim Pereira Rabello, João Baptis-
ta de Araujo, o qual vai assignado pelo
Delegado e rubricado pelo mesmo do que
tudo dou fé. Eu Miguel Vieira Munis
Barretto escrivão o escrevy.

20 Manoel X(avi)er de Miranda
João Lins da Silva
Benjamim Pereira Rabello
João Baptista Araújo

Comclusão
25 Aos dois dias do mez de Março do an-
no de mil oito centos e oitenta e um,
nesta Heróica Cidade da Cachoeira, em
meu cartorio faço estes autos conclu-
sosos ao Subdelegado, digo ao Delegado
de Policia do Termo, o Tenente Mano-
el Xavier de Miranda na forma
30 da lei, do que para constar lavro
[sinal]

lavro o presente termo e dou fé. Eu Miguel Vieira Muniz Barretto escrivão o escrevy

C(onc)l(u)zos

- 05 [...] facto criminoso pelo corpo
de delicto[...] reconhecido [...] pelo
termo de informação do crime e achando-se os
[...]
[...]
- 10 [...] Juiz [...]
do termo na forma da lei na formação
[...]as test(emunh)as – Cláudio
Fuguetreiro, Fran(cis)co Ramos de Oliv(ei)ra, Izidro de
Mattos, Xavier de Tal e Marcelino
- 15 Bezerra.
Deleg(ad)o de Cach(oeira)? 4 de M(arç)o de 1881.
M(anoel) X(avi)er de Miranda

Publicação

- 20 Aos quatro dias do mez de Março do
anno de mil oito centos e oitenta e um
nesta Heroica Cidade da Cachoeira
em meu cartorio por parte do Dele-
gado de Policia do Termo o Tenente
Manoel Xavier de Miranda, me
- 25 foi entregue estes autos com o seu dis-
pacho supra, do que para constar la-
vro o presente termo e dou fé. Eu
Miguel Vieira Muniz Barretto, es-
crivão o escrevy.

Remessa

05 Aos quatro dias do mez de Março do
 anno de mil oito centos e oitenta e
 um, nesta Heroica Cidade da Ca-
 choeira em meu cartorio fasso re-
 messa do presente autos ao Doutor
 Promotor Publico da Comarca por
 intermedio do Meritissimo Senhor
 10 Doutor Juiz Municipal do Termo,
 na forma do despacho do Delega-
 do de Policia, do que para cons-
 tar lavro o presente termo e assi-
 gno. Eu Miguel Vieira Muniz Barretto
 15 escrivão o escrevy e assignei.

Miguel Vieira Muniz Barretto
 [sinal]

20 D(o) S(ecretário) Remetta-se ao D(ou)tr Promotor
 Publico da Comarca p(ar)a os fins de direi-
 to. Cachoeira 14 de Março 1881
 M(ano)el [...]

Data

Aos desesete dias do mes de Mar-
 ço do anno de mil oito centos e
 oitenta e um, n'esta Heroica Ci=

05 -dade da Cachoeira, em meo cartorio
me forão entregues estes autos por
parte do destribuidor Luiz Al-
ves Dantas d'Amorin, de que
para constar faço este termo. Eu
Francelino do Valle Cabral. Escri(va)m
que o escrevi.

Vista

10 Aos desesete dias do mes de Março
do anno de mil oito centos e oitenta
e um, n'esta Heroica Cidade da
Cachoeira, em meo Cartorio faço
estes autos com vista do Promotor
Publico da Comarca o Doutor José
15 Augusto de Freitas, do que para
constar faço este termo. Eu Fran-
celino do Valle Cabral. Escrivão que
o escrevi.

20 V(is)ta
do D(ou)tr P(romotor) P(ublico) em vista do desp(ach)o retro
Cessão com Marcelino Ladeira
18 de Março de 1881
[...] P(romotor) P(ublico)
D(ou)tr José Aug(us)to de Freitas

Data

05 Aos vinte e dois dias do mes de Março
do anno de mil oito centos e oitenta e
um, n'esta Heroica Cidade da Cacho-
eira, em meo Cartorio, me forão entre-
gues estes autos por parte do juis mu-
nicipal o douctor Julio Pereira de
10 Carvalho, com o seo despacho na de-
nuncia de f(olha) 2 do que para constar
faço este termo. Eu Francelino do Valle
Cabral. Escrivão que o escrevi.

Ill(ustrissi)mo Sen(ho)r D(outo)r Juiz Municipal

15 Não tendo até a presente data
vindo deporem as testemunhas d'este sum-
mario, nem tão pouco o off(ici)al de Justiça
Manoel Caetano Brandão recebido o
mandado intimatorio do cartorio re=
presento a S(ua) S(enhori)a para mandar a quem
20 for de justiça. Cachoeira 23 de Abril de
1881

Em represent(aç)am

O Escr(iva)m Francelino do Valle Cabral

Conclusão

05 Aos vinte e tres días do mes de Abril
do anno de mil oito centos e oitenta e um,
n'esta Heróica Cidade da Cachoeira, em
meo cartorio, faço estes autos conclusos
do juis municipal o Douctor Julio
Pereira de Carvalho, do que para constar
faço este termo. Eu Francelino do Valle
Cabral. Escrivão que o escrevi

10 C(onc)l(us)o em vista do represent(ant)e retro
De-se vista ao D(ou)tr. Promotor Publico. Cachoeira, 29 de
Abril de 1881 Julio Carvalho

Data

15 Aos vinte esete dias do mes de Abril
do anno de mil oitocentos eoitenta e
um, n'esta Heroica Cidade da Cacho-
eira, em meo cartorio forão me en-
tregues estes autos por parte do juiz
municipal o Douctor Julio Pereira de
20 Carvalho; do que para constar faço
este termo. Eu Francelino do Valle Ca-
bral. Escrivão que o escrevi.

Vista

25 Aos vinte esete dias do mes de Abril
do anno de mil oito centos e oitenta eum,
n'esta Heroica Cidade da Cachoeira,
em meo cartorio faço estes autos com

05 com vista do Promotor Publico da Comarca o Douctor José Augusto de Freitas, do que para constar faço este termo. Eu Francelino do Valle Cabral. Escrivão que o escrevi

V(is)ta do D(outo)r P(romotor) P(ublico) em vista do desp(ach)o retro.

10 Requeiro que sejam marcados dia e hora para confirmação do presente sumario de culpa, sendo condusidas debaixo de vara na forma da lei; as testemunhas anexadas na petição de f(olha) Em intimadas deixarão de comparecer. Cachoeira 28 de Abril de 1881.

15 O Promotor Publico
D(outo)r. José Augusto de Freitas

Data

20 Aos vinte e oito dias do mes de Abril do anno de mil oito centos e oitenta e um, n'esta Heroica Cidade da Cachoeira, em meo cartorio, faço estes autos conclusos, digo, me foram entreguez estes autos por parte do Promotor Publico da comarca o Douctor José Augusto de Freitas; do que para constar faço este termo. Eu Francelino do Valle Cabral. Escrivão que o escrevi.

25 Conclusão
30 Aos vinte e oito dias do mes de Abril de

- 05 mil oito centos e oitenta e um, n'esta Heroica Cidade da Cachoeira, em meo Cartorio, faço estes autos conclusos, ao Juis Municipal o Douctor Julio Pereira de Carvalho, do que para constar faço este termo. Eu Francelino do Valle Cabral. Escrivão que o escrevi
- 10 P.M.p^a 14
de Maio
off(ici)al Balthazar C(onc)l(us)o em vista do parecer retro Passa-se mandado [...] para serem conduzidas debaixo de vara as testemunhas d'este processo, cumpridas as demais formalidades legais. O Escrivão marque dia e hora. Cachoeira, 29 de Abril de 1881
Julio Carvalho
- 15 Data
Aos vinte e nove dias do mes de Abril do anno de mil oito centos e oitenta e um n'esta Heroica Cidade da Cachoeira, em meo cartorio, me foram entregues estes autos por parte do Juis Municipal o Douctor Julio Pereira de Carvalho; do que para constar faço este termo. Eu Francelino do Valle Cabral. Escrivão que o escrevi.
- 20

Juntada

05 Aos doiz dias do mes de Maio do ano
de mil oito centos e oitenta e um, n'esta
Heroica Cidade da Cachoeira, em meo
cartorio, faço juntada a estes autos
do mandado que adiante se segue;
do que para constar faço este termo
Eu Francelino do Valle Cabral. Escri-
vão que o escrevi.

Mandado intimatorio passa
do a bem da justiça, para se
executar na forma abaixo.

05 O Doutor Julio Pereira de Carvalho,
Juiz Municipal criminal nesta He-
roica Cidade da Cacho(eir)a e seu termo etc.
Mando aq(ua)lq(ue)r official de Jus-
tica Deste juizo, que em cumprim(en)to ao
10 prez(ent)e p(or) mim rubricado, e passado a bem
da Justiça, intime as testemunhas.
Cláudio fogueteiro, Fran(cis)co Ramos de
Oliveira, Izidro de Mattos, Xavier de
tal e Marcellino Bernardo, residen-
tes nesta cidade para deporem no
15 dia 28 do corr(ent)e, no Summario de
culpa instaurado contra Joaquim
Pinto de Oliveira e Benedicto Pe-
reira Bueno, pelos ferimentos fei-
tos em Bernardino da Silva Reis,
20 nesta ci(da)de e dia 28 de Fevereiro do
corrente anno, Cumpra-se Ca-
choeira, 26 de Março de 1881. Eu
Francelino do Valle Cabral. Escrivão
que o subscrevi. Julio Carvalho

25 C er ti fico eu o ffi ç i al de j us ti *
ca ab a cho as s i g n a do, q(ue) em co m pri
m en to ao pr ez en te m an d a do in
ti m ato r io S en do n es ta C i da d e,
in ti m ei as t es t e m (unh)as, p ar a au di en
30 cia do di a 3 do corr ente. o r eifir i do
ev er d a de i do u fé C a cho eir a 1 de

* Mantivemos a separação das letras conforme o original.

de Maio de 1881

Manoel Caetano Brandão

Toca desta 10\$000

Br(an)dão Juntada

05 AOS DESSETE DIAS DO MEZ DE MAIO DO
ANNO DE MIL OITO CENTOS E OITENTA E UM,
N'ESTA HERÓICA CIDADE DA CACHOEIRA
EM MEU CARTORIO, FAÇO JUNTADA A
10 ESTES AUTOS DO MANDADO QUE ADI-
ANTE SE SEGUE, DO QUE PARA CONS-
TAR FAÇO ESTE TERMO. EU FRANCELINO
DO VALLE CABRAL. ESCRIVÃO QUE O ESCRE-
VI

15 CERTIFICO EU ESCRIVÃO ABAIXO FIRMADO
QUE PESSOALMENTE FUI AO ESCRITORIO
DO PROMOTOR PUBLICO DA COMARCA O
DOCTOR JOSÉ AUGUSTO DE FREITAS, E AHI
O INTIMEI PARA VER E ASSISTIR O DE-
20 POIMENTO DAS TESTEMUNHAS D'ESTE SUM-
MARIO HOJE NA SALA DAS AUD(IEN)CIAS
PUBLICAS; O QUAL FICOU SCIENTE. CA-
CHOEIRA 17 DE MAIO DE 1881.

Francelino do Valle Cabral

Mandado intimatorio passado
a bem da Justiça para se exe-
cutar na forma abaixo

05 O D(outo)r. Julio Pereira de Carvalho Juiz Municipal
criminal nesta ci(da)de da Cacho(eir)a e seo termo etc

Mando a q(ua)lq(ue)r official de Justiça deste
Juizo, que vindo o prezente p(or) mim rubricado, pas-
sado a bem da justiça, intime e conduza de-
10 baixo de vara perante este juizo no dia 14
do Corr(ent)e, as testemunhas Claudio Fogueteiro,
Fran(cis)co Ramos de Oliveira, Izidro deMattos,
Xavier de tal e Marcellino Bernardo
rezi dentes nesta ci(da)de, para deporem no
Summario de culpa instaurado contra
15 Joaquim Pinto de Oliveira e Benedicto Pe-
reira Bueno, pelos ferimentos feitos em Ber-
nardino da Silva Reis, nesta ci(da)de, no
Dia 28 de Fevereiro do corr(ent)e anno. Cum-
pra-se. Cachoeira, 10 de Maio de
20 1881. Eu Francelino do Valle Cabral.

Escrivão que o subscrevi:

Julio Carvalho

25 Certifico eu Offiçial de Justiça abaixo assignado que
em cumprimento do Mandado, sendo nesta Cidade
em timei em suas proprias pessoas as testemunhas
constantes do Mandado para mea acompanharem
a Juizo, deixando de me a acompanhar, Marçellino
Bernardo, e Fr(ancis)co Ramos de Oliveira pois esta
vam doente. O referido everdade e dou fé=

e doufé. Cachoeira 17 de Maio de 1881

Balthasar Teixeira Guedes

Destas intimações 10 [...]

Guedes

Auto de Qualificação

Aos desesete dias do mes de Maio do anno
 do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chris-
 to de mil oito centos e oitenta e um, n'esta He-
 roica Cidade da Cachoeira, e salla das au-
 diencias publicas, onde se achava o juiz mu-
 nicipal o Douctor Julio Pereira de Carvalho,
 comigo escrivão do seo cargo, abaixo declarado
 ahi compareceo Joaquim Pinto d'Olivei-
 ra, réo n'este processo e o juiz lhe fez as
 perguntas seguintes:

Qual seo nome?

Respondeo

chamar-se Joaquim Pinto d'Oliveira

De quem era filho?

Respondeo

que filho legitimo de Francisco Pinto d'Oli-
 veira

Que idade tinha?

Respondeo que trin-
 ta e oito annos de idade

Seo estado?

Respondeo ser

solteiro.

Sua profisião eo modo de vida?

Respondeo

ser pedreiro

Sua nacionalidade?

Respondeo ser bra-
 sileiro

O lugar de seo nascimento?

Respondeo

que é natural d'esta Cidade da Cachoeira

Se sabia ler e escrever?

Respondeo que não sabe
 E como nada mais respondeo, nem lhe
 foi preguntado, mandou o juiz lavar
 05 o presente auto de qualificação que vai
 pelo mesmo, digo, que vai assignado a-
 cargo do réo por Manoel Caetano Bran-
 dão, depois de lhe ser lido, e o achar con-
 forme, assignado pelo Juiz; do que tudo
 10 dou fé: Eu Francelino do Valle Cabral. Es-
 crivão que o escrevi.

Julio Pereira de Carvalho
 Manoel Caetano Brandão

Auto de qualificação

15 No mesmo dia, mes, anno e lugar em
 principio declarado, compareceo Bene-
 dicto Pereira Bueno, réo n'este processo;
 e o juiz lhe fez as perguntas seguintes:

Perguntado qual seo nome?
 20 Respondeo chamar-se Benedicto Pe-
 reira Bueno.

De quem era filho?
 Respondeo que
 25 filho de Julia, Africana.

Que idade tinha?
 Respondeo que
 vinte e cinco annos de idade

Seo estado?
 Respondeo
 30 ser solteiro.

Sua profissão ou modo de

de vida?

Respondeo que trabalha de pedreiro.

Sua na=

cionalidade?

05

Respondeo ser brasileiro.

Se sabia ler

e escrever?

Respondeo que sabe ler e escrever.

10

E como nada mais respondeo, nem lhe foi perguntado, mandou o juiz lavrar o presente auto de qualificação que vai pelo mesmo réo, depois de lhe ser lido o achar conforme, assignado com o juiz; do que tudo dou fé: Eu Francelino do Valle Cabral. Escrivão que o escrevi.

15

Julio Pereira de Carvalho

Benedicto Pereira Buenno.

Assentada

05 Aos desesete dias do mes de Maio do ano
 do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chris-
 to de mil oito centos e oitenta e um, n'esta
 Heroica Cidade da Cachoeira, e salladas
 audiencias publicas, onde se achava o ju-
 is Municipal o Douctor Julio Pereira de
 10 Carvalho, comigo escrivão do seo cargo,
 abaixo declarado, ahi presentes os acou-
 sados Joaquim Pinto d'Oliveira e
 Benedicto Pereira Bueno, e as tes-
 temunhas abaixo declaradas, pelo dito
 Juis forão ellas inqueridas como abai-
 xo si vé; do que para constar faço
 15 este termo. Eu Francelino do Valle Ca=
 bral. Escrivão que o escrevi:

1ª Testemunha.

20 Izidro José de Mattos Telles, com qua
 renta e quatro annos de idade, solteiro, vi-
 ve de negocio, natural e morador d'esta Cida-
 de da Cachoeira; e aos costumes disse nada,
 testemunho jurado aos Santos Evange-
 lhos em um livro d'elles, em que poçsa
 sua mão direita, e prometteo diser a
 25 verdade do que soubesse e lhe fosse pergun-
 tado. E sendo inquerido sobre
 o facto constante da denuncia de f (olha)2.

Respondeo

30 que em um dia do mes de fevereiro es-
 tando em sua casa, doente e perto da

ladeira do Caquende, onde está situada sua
mesma casa, ouviu voses de alguém que desia:
Moleque tú não sabes dar em homem vai
aprender = e outro que desia – vamos.

05 Perguntado se
não conheceo as voses das pessôas que assim
fallavão?

Respondeo que conheceo serem as
voçes dos accusados presentes.

10 Perguntado se não
ouvio também barulho, ou conflicto n'esta
ocasião.

Respondeo que não

15 Perguntado se não ou-
vio fallar quem tinha sido os auctores dos
ferimentos feitos na pessoa de Bernardino
da Silva Reiz?

Respondeo que ouviu diser que
tinha sido os accusados presentes.

20 Perguntado se
não sabe mais de alguma cousa relativa
a este facto.

Respondeo que não sabe.

25 Dada a pala-
vra aos denunciados, cada um por sua
vez para contestarem a testemunhas por
elle foi dito que nada tinham a contes-
tar. E por nada mais saber, nem lhe
ser perguntado, deo-se por findo este depo-
30 imento, depois de lhe ser lido, e o achar con-
forme, e por não saber ler nem escrever, as-
signa a seu rogo Manoel Xavier Pi-
nheiro, assignando arrogo do acusa-

accusado. Joaquim Pinto d'Oliveira, Manoel
Caetano Brandão com o juis do quetudo dou
fé. Eu Francelino do Valle Cabral. Escri(va)m que
o escrevi. Julio Carvalho

05 Manuel X(avi)er Pinheiro
Manoel Caetano Brandão
Benédicto Pereira Buenno.

10 Certifico que intimei a testemunha
supra declarada, para que; caso te-
nha de mudar-se de sua actual re-
sidencia d'entro do praso de um anno a
contar d'esta data o communi-
que a este juiso debaixo das penas
da lei; do que ficou bem sciente.
15 Cachoeira 17 de Maio de 1881.

O Esc(riva)m Francelino do Valle Cabral.

2ª Testemunha.

20 Manoel Claudio Ferreira, conhecido por
Claudio fogueiteiro, com trinta e dois anos
de idade, solteiro, artista, natural da Fre=
guesia da Cruz das Almas e morador n'esta
Cidade. e aos costumes, disse nada, teste=
munha jurada aos Santos Evangelhos em
um livro d'elles, em que pos sua mão di=
25 reita, epromotteo diser a verdade do que sou-
besse e lhe fosse perguntado. Esendo
inquerida sobre o facto constante da denun=
cia de f(olha) 2. Respondeo que a noite
de úm dia e mes que não se lembra, estan=

- do em sua casa, sita a ladeira que vai para a terra Vermelha, tomando úma chicara de caffè Foi quando ouvio palavras de pessoas que disião: Moleque se não sabe dar em homem aprenda = e de outro que dezia= Vamos, o que está feito não está por faser
- 05 Perguntado se conheceo de quem erão as voses das pessôas que assim fallavão?
- 10 Respondeo que não poude distinguir devido a distancia.
- Perguntado se não ouvio diser quaes forão os auctores dos ferimentos feito na pessoa de Bernardino da Silva Reis?
- 15 Respondeo que ouvio diser que forão os accusados presentes.
- Perguntado se não sabe mais alguma coisa relativamente a este facto?
- 20 Respondeo que não sabe.
- Dada a palavra as denunciados, cada um por sua vez para contestarem a testemunha por elles foi dito que nada tinha a contestar. E por nada mais saber, nem nem lhe ser perguntado, deo-se por findo este depoimento, depois de lhe ser lido e oachar conforme, e por não saber ler nem escrever assigna a seu rogo Manuel Leopoldino de Sant'Anna com ojuis, assignando arrogo do denunciado Joaquim Pinto d'Oliveira, Manoel Caetano Bran-
- 25
- 30

Brandão; do que tudo dou fé. Eu Francelino do Valle Cabral. Escrivão que o escrevi

Julio Carvalho

Manoel Leopoldino de S(ant)'Anna

05 Ma(no)el Caetano Brandão

Benedicto Pereira Boenno.

Certifico que intimei a testemunha supra declarada, para que, caso tenha de mudar-se de sua actual residencia d'entro do praso de um anno a contar d'esta data, o communique a este juizo debaixo das penas da lei. do que bem sciente e dou fé. Cachoeira 17 de Maio de 1881.

10

15

O Escr(iva)m Francelino do Valle Cabral

3ª Testemunha

Francisco Xavier Barbosa, com trinta annos de idade, solteiro, jornaleiro, natural da Freguesia de Santiago do Iguape, e morador n'esta Cidade e aos Costumes disse nada; testemunha jurada aos Santos Evangelhos, em um livro d'elles, Em que pos sua mão direita, e prometeo diçer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado. E sendo inquerida sobre o facto constante da denuncia de f(olha) 2. Respondeo que em um dia e mes que não se lembra do Corrente anno, tendo vindo do seo

20

25

trabalho, e se achando em sua casa, sita
a ladeira que vai para a terra Vermelha,
foi quando entrou em sua casa Bernardi-
no, ferido e muito atemorizado, a vista do
05 que elle testemunha disse ao mesmo que elle
não o queria em sua casa, pelo que elle
retirou-se.

Perguntado se elle não lhe disse
quaes os auctores dos ferimentos?
10 Respondeo que
não.

Perguntado se não ouvio diser quem
forão os auctores d'estes ferimentos?
15 Respondeo
que não.

Perguntado se não sabe mais de
alguma circumstancia que tenha rela-
ção com ofacto. Dada a
20 palavra aos denunciados, cada um por
sua vez, para contestarem a testemunha.
por elles foi dito que nada tinha que
contestar. E por nada mais sa-
ber, nem lhe ser perguntado, déo-se
25 por findo este depoimento, depois de lhe
ser lido e o achar conforme, e por não
saber ler, nem escrever assigna a seo rogo
Manoel Xavier Pinheiro, com o juis as-
signando arrego do accusado Joaquim
30 Pinto d'Oliveira, Manuel Caetano Bran-
dão; do que tudo dou fé: Eu
Francelino do Valle Cabral. Escriv(a)m
que o escrevi. Julio Carvalho
Manúel X(avi)er Pinheiro
[...]

Manoel Caetano Brandão
Benedicto Pereira Boenno.

05 Certifico que intimei a testemunha
supra declarada para que caso te=
nha de mudar-se de sua actualre-
sidencia d'entro do prajo de um an-
no a contar d'esta data, o communi-
que a este juiso debaixo das penas da
lei,; do que ficou bem sciente e dou fé.
10 Cachoeira 17 de Maio de 1881.

Escre(iva)m Francelino do Valle Cabral

Juntada

15 Aos desesete dias do mes de Maio do
anno de mil oito centos e oitenta e um,
n'esta Heroica Cidade da Cachoeira
em meo cartorio, faço juntada aes-
tes, autos a portaria que adiante
se segue; do que para constar faço
este termo. Eu Francelino do Valle
20 Cabral. Escrivão queo escrevi.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos manuscritos dos séculos passados trazem consigo valiosíssimas informações que, no Brasil, correm o risco de se perderem para sempre devido ao descaso para com tais documentos. É mister, pois, preservá-los para a posteridade trazendo-os à existência através de Edições Diplomáticas que servirão ao lingüista, ao sociólogo, ao historiador e a tantos pesquisadores dedicados à preservação da história da civilização. Através da edição do documento de Queixa-Crime espera-se ter alcançado pelo menos parte deste objetivo.

Com a finalidade de ser fiel ao manuscrito e apresentar a realidade lingüística de uma época razoavelmente próxima da nossa, mas com maneiras diferentes de se expressar, conservou-se a linguagem o mais próximo possível do original, preservando a grafia, a acentuação, a pontuação, evitando-se unir as palavras que vêm separadas, mas são escritas juntas e separar as palavras que vêm unidas, porém são escritas separadas, na língua atual. Tudo isto com vistas à fidelidade ao manuscrito, pois, desta forma, a pesquisa será útil aos lingüistas quanto aos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos. Inclusive, pretende-se retomar esta transcrição recém editada, juntamente com a edição do restante do documento para um posterior estudo lingüístico. Este desejo já existia, todavia teve que ser adiado temporariamente devido a interferências alheias a ele não permitindo sua concretização.

O prazer da realização de um trabalho desse porte só sabe quem o faz. De início, o temor do desconhecido, no fim, a euforia da descoberta. Nada mais gratificante do que a leitura de um texto que, inicialmente se apresenta ilegível, entretanto, com esforço, paciência e auxílio da lupa e de outros profissionais revela seu conteúdo, sua riqueza de informações lingüísticas. É um tesouro que estava oculto e eis que surge de papéis velhos, corroídos pelos insetos, pela tinta ácida, pelo tempo e pelo descuido daqueles que os guardam. O sacrifício de horas trabalhando, tentando decifrar o nome de alguma testemunha, transforma-se em recompensa de ver a transcrição quase completa.

Os dados colhidos na bibliografia de história do Brasil e de Cachoeira destacam o fato de que o país atravessava graves crises políticas, econômicas e sociais, enquanto a

cidade vivia momentos de glória, sendo um centro de reabastecimento a todas as necessidades do povo das redondezas, inclusive cartoriais e um pólo de escoamento de toda produção do interior.

Excetuando-se a transcrição, o outro aspecto marcante deste trabalho foram as grafias de época, recolhidas nos textos dos copistas Miguel Vieira Muniz Barretto e francelino do Valle Cabral. Sendo o documento de 1881, século XIX portanto, não se esperavam tantas variações entre as do manuscrito e as grafias atuais. São comuns as constantes germinação das consoantes **l**, **t**, **f**, **m** e **n**, as muitas trocas de letras, a presença do **g** em palavras como *assignei*; assim como do **p** em *escriptos* dentre outras; os vários casos da letra **h**; a constante variação, pois o escrivão ora grafava a palavra de uma forma ora de outra. Estes, e muitos outros casos, tornaram esta pesquisa um mergulhar num mundo de curiosidades realmente significativas.

É fato, todavia, que o estudo de um manuscrito não se esgota num momento. Cada vez que o estudioso confronta-se com o mesmo algo de novo se revela. Num contato mais íntimo descobrem-se as suas entranhas, o seu teor é revelado.

Tal pesquisa foi extremamente enriquecedora. O documento de *Queixa-Crime* é fonte inesgotável cuja edição foi apenas o princípio. Ela abriu caminho para que outros estudiosos possam encontrar, na transcrição do processo de tentativa de homicídio, dados históricos e lingüísticos autênticos numa troca valiosa de conhecimentos que beneficiará a todos.

8. REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A Escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Editora Universitária/Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1994. p. 303.

ALKMIN, Tânia Maria (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 3. São Paulo: FLP/USP, 2002. p. 421-42.

ARAUJO, Antônio Martins de. Breve notícia da ortografia portuguesa. In: MISCELÂNEIA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, FILOLÓGICOS E LITERÁRIOS IN MEMORIAM CELSO CUNHA. Cilene da Cunha Pereira, Paulo Roberto Dias Pinheiro (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 431-48.

AUDISIO, Gabriel; BONNOT-RAMBAUD, Isabelle. *Lire le français d’hier: manuel de paléographie moderne: XV^e. – XVIII^e. Siècle*. 2. tir. Paris: Armand Colin, 1991. Cap. 5 “Um système d’écritures du XVI^e. au XVIII^e. Siècle: permanences et métamorphoses”. p. 55-88.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 11-8

AZEVEDO FILHO, Leodegário de A. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença/EDUSP, 1987.

BERWANGER, Ana Regine, LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. 2 ed. Santa Maria: EDUFMSM, 1995. p. 94.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*, s.l.: Gedisa. p. 129-49.

CASTILHO, Ataliba T. de (org.). *Historiando o português brasileiro: história das línguas, variedades, gramaticalização, discursos*. Blaubeuren, 2003 <www.alfal.org/index.htm>.

CASTILHO, Ataliba T. de (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 1 São Paulo: FLP/USP, 1998. p. 171-238.

CASTRO, Ivo. *Recensão crítica a Segismundo Spina. Introdução à edótica (crítica textual)*, São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1977. 153p. BDF, Lisboa, v. 26, n. 1-4, p. 374-86, 1980-1981.

CONDÉ, Gerard d'Arundel de. *Apprendre a lire lês archives, 100 exercices pratiques: XVI^{ème} – XIX^{ème} siècles*. Paris: Christian, 1996. p. 100-1, 114-5.

CUESTA, Pilar Vázquez, LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1970. p.335-448.

DIAS João José Alves; MARQUES, A. H.de Oliveira; RODRIGUES, Teresa F. *Álbum de paleografia*. Lisboa: Estampa, 1987. p. vii-xiii; p. 211-281.

DINIZ, Maria Helena. *Dicionário jurídico*. São Paulo: Saraiva, 1998. 4 v.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia, CALLOU, Dinah (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 4. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAPERJ, 2002. p.222-33.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico, etc*. Lisboa: Guimarães, 1988. p. 105-9.

FERNÁNDEZ DE LÉON, Dr. Gonzalo. *Diccionario jurídico*. 2 ed. Buenos Aires: Editorial Abece, 1961. 4 v.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI a XIX*. 2 ed. Aum. São Paulo: UNESP/Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.

FRECHES, Claude-Henri. *Manuscripts d'Inquisition au XVIIe. Siècle. Difficultés de lecture et d'interpretation*. In: CRITIQUE TEXTUELLE PORTUGAISE, *Actes du Colloque*. Paris: Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1986. p. 301-10.

GAMA, Albertina Ribeiro da. *Edição diplomática de textos manuscritos*. CONGRESSO DE ESTUDOS LINGUISTICOS E LITERÁRIOS, 5. Feira de Santana:UEFS, 2000. No prelo.

GAMA, Albertina Ribeiro. Incursão na crítica textual. In: *A cor das Letras*- Revista do Departamento de Letras e Artes Feira de Santana:UEFS, n.3, p.9-16,dez.1999.

GAMA, Albertina Ribeiro; Telles, Célia Marques. A lição conservadora e a análise lingüística do texto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2, *anais*. Fortaleza:ABRALIN,2001. v.1,p.463-5. (Boletim da ABRALIN, 26).

GAMA, Albertina Ribeiro; Telles, Célia Marques. Perspectiva da Filologia textual. In: *JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE*, 19. *Anais...* Fortaleza: GELNE, 2002. 6f. No prelo.

GARDNER, George. Viagem no Brasil-1826. in: MELLO, Francisco José de. *História da Cidade da Cachoeira*, s. l.: Radami, 2001. p . 46.

GUIMARÃES, Ana Lúcia Silveira. *Edição diplomática de documentos notariais da Instrução Pública da Bahia*. Orientador Prof. Dr.^a Albertina Ribeiro da Gama. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

HOLLANDA, Sergio Buarque O Brasil monárquico. In: id. (dir.). *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. v. 4 e 5, t.2.

LÁZARO CARRETER, Fernando. *Diccionario de términos filológicos*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1962. p. 154.

LEÃO, Duarte Nunes de. Ortografia da língua portuguesa reduzida a Artes e Preceitos. In: id. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. p. 43-186. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu.

MARTÍNEZ ORTEGA, Maria de Los Ângeles. *La Lengua de los siglos XVI y XVII a través de los textos jurídicos: los pleitos civiles de la escribaría de Alonso Rodrigues / Maria de los Ângeles Martinez Ortega* – Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, Universidad de Valladolid, 1999.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, Século XIX – Uma Província no Império*. Rio do Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MELLO, Francisco José de. *História da cidade da Cachoeira*, s.l.: Radami, 2001.

- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 166
- PILETTI, Nelson. *História do Brasil*. 14 ed. São Paulo: Ática, 1996.
- PROU, Maurice. *Manuel de paléographie latine et française*. 3 éd. ent. ref. Paris: Alphonse Picard, 1910. p. 269-77.
- RAMÓN BLANCO, Ricardo. *Estudos paleográficos*. São Paulo: s.n., 1987. p. 13-22, lâm. xLix-Liii.
- RAMÓN BLANCO, Ricardo. *Técnica da Pesquisa Científica*. São Paulo: ed. do Autor, 1978. 1 v. p. 1-107.
- REIS JÚNIOR, Pereira. Maria Quitéria. In: MELLO, Francisco José de. *História da cidade da Cachoeira*, s. l.: Radami, 2001. p. 46.
- REVISTA BRASIL 500 ANOS, São Paulo, v. 6-10, 1999.
- SANTOS, Jadson Luiz dos. *Cachoeira III Séculos de História e Tradição*. Salvador, Bahia: Contraste Editora Gráfica, 2001.
- SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1984. 4v.
- SOUSA, Oscar C. *Competência ortográfica e competências lingüísticas*. Lisboa: ISPA, 1999. p. 25-79.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica; crítica textual*. 2, ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.
- TAVANI, Giuseppe. A Recuperação do texto. In: ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA E LITERATURA; homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10 ed. Salvador: EDUFBA. p. 154-5.
- TEIXEIRA, Francisco M. P. *Brasil: História e Sociedade*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- TELLES, Célia Marques. Grafia e fonética em textos românicos quinhentistas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGIA ROMÂNICA, 23; actas. Tübingen: Max Niemeyer, 2003. v. 4, p. 253-64.

VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Grande dictionario portuguez*. Porto Editores, E. Chardron e Bartholomeu H. de Moraes. 5 v, 1871-1874.

XAVIER, Maria Francisca, MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de termos lingüísticos: filologia, fonética, fonologia, lingüística histórica, pragmática, prosódia, sociolingüística*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1, p. 135-7.

ANEXOS 1 – FOTOS ANTIGAS DE CACHOEIRA

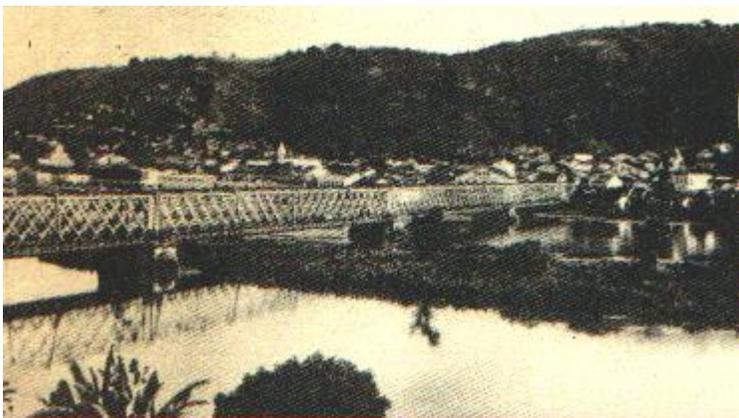


Foto 1 – Ponte D. Pedro II



Foto 2 – Igreja do Carmo



Foto 3 – Igreja da Ajuda



Foto 4 – Vista da rua 25 de junho



Foto 5 – Estação ferroviária



Foto 6 – Hospital da Santa Casa de Misericórdia

ANEXOS 2 – FOTOS ATUAIS DE CACHOEIRA



Foto 1 – Ponte D. Pedro II



Foto 2 – Estação ferroviária



Foto 3 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte



Foto 4 – Igreja da Ajuda



Foto 5 – Arquivo Público Municipal de Cachoeira



Foto 6 – Igreja do Carmo



Foto 7 – Irmandade da Boa Morte



Foto 8 – Centro de Convenções